



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
JORNALISMO

**TEORIA DA CONSPIRAÇÃO E SAÚDE PÚBLICA:  
DESINFORMAÇÕES CHECADAS NA PANDEMIA DE  
COVID-19**

**MARIA CLARA GOMES MENDES**

Rio de Janeiro

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
JORNALISMO

**TEORIA DA CONSPIRAÇÃO E SAÚDE PÚBLICA:  
DESINFORMAÇÕES CHECADAS NA PANDEMIA DE  
COVID-19**

Monografia submetida à Banca de Graduação  
como requisito para obtenção do diploma de  
Comunicação Social – Jornalismo.

**MARIA CLARA GOMES MENDES**

**Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Gibaldi Vaz**

Rio de Janeiro

2022



# FICHA CATALOGRÁFICA

## CIP - Catalogação na Publicação

MM538t      Mendes, Maria Clara Gomes  
Teoria da conspiração e saúde coletiva:  
desinformações checadas na pandemia de Covid-19 /  
Maria Clara Gomes Mendes. -- Rio de Janeiro, 2022.  
70 f.

Orientador: Paulo Roberto Gibaldi Vaz.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola da  
Comunicação, Bacharel em Comunicação Social:  
Jornalismo, 2022.

1. Desinformação. 2. Teoria da Conspiração. 3.  
Saúde Pública. 4. Pandemia. 5. Covid-19. I. Vaz,  
Paulo Roberto Gibaldi , orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Teoria da conspiração e saúde pública: desinformações checadas na pandemia de Covid-19**, elaborada por Maria Clara Gomes Mendes.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia 09/03/2022.

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Gibaldi Vaz  
Pós-doutor em Filosofia pela University Of Illinois At Chicago, UIC, EUA  
Departamento de Fundamentos da Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. Márcio Tavares D' Amaral  
Pós-doutor em Filosofia pela Université Paris Descartes, Paris V, França  
Departamento de Fundamentos da Comunicação – UFRJ

Prof(a). Dr(a). Cristina Rego Monteiro da Luz  
Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ  
Departamento de Expressão e Linguagens - UFRJ

Rio de Janeiro

2022

Dedico este trabalho a todos os profissionais que se dedicam a combater a desinformação e trabalham com a divulgação científica, com carinho especial àqueles que são jornalistas.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, Rosângela e Milton, por todo apoio, dedicação e esforço para garantirem o melhor possível a mim e minhas irmãs. Chegar até aqui, concluindo a graduação em uma das melhores universidades do país, só foi uma conquista possível graças a todo incentivo e prioridade que sempre deram à nossa educação.

Às minhas irmãs, Maria Beatriz e Maria Paula, por serem comigo as “três Marias”. Sou grata a todo companheirismo e amizade que fazem parte da nossa relação de irmãs. Compartilhar realizações com vocês aquece meu coração.

Aos meus pinguinhos, meus sobrinhos Maria Helena e José Rafael, por me contagiarem com o brilho no olhar, com a felicidade na simplicidade de um sorvete de uva e por manterem a minha criança interior sempre me lembrando da alegria nas pequenas coisas.

Às minhas avós, Almerinda e Leusula, por toda a garra que carregam consigo nessas 9 e 8 décadas de histórias de vida, por serem mulheres fortes e transmitirem essa força a nós acompanhada de uma culinária repleta de afeto.

Aos meus tios e familiares, por acompanharem a minha trajetória. Em especial, à tia Rosane por tudo o que fez por mim no comecinho da faculdade.

Aos meus amigos, por serem um alívio nas agitações e conturbações da vida, por me garantirem risadas, serem ouvintes das minhas falas prolixas e do meu acervo de curiosidades aleatórias. Sobretudo, obrigada por continuarem acreditando em mim e tentarem me fazer ver todo meu potencial.

Ao meu orientador, Paulo Vaz, que, mesmo em regime remoto e em tempos pandêmicos, me deu todo suporte necessário para o desenvolvimento deste trabalho.

MENDES, Maria Clara Gomes. **Teoria da conspiração e saúde pública: desinformações checadas na pandemia de Covid-19**. Orientador: Paulo Roberto Gibaldi Vaz. Trabalho de conclusão de curso de Graduação em Comunicação Social – Jornalismo. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2022.

### RESUMO

O trabalho aborda a relação entre teoria da conspiração e saúde pública na pandemia de Covid-19 no Brasil, por meio de, principalmente, desinformações checadas no período. Para isso, é realizada uma contextualização que possibilita compreender fatores que colaboram para a disseminação massiva de conteúdos desinformativos com caráter conspiratório sobre o coronavírus, sobretudo nas mídias sociais. Tal contextualização envolve temas como pós-verdade, negacionismo científico e descrédito do jornalismo e das mídias tradicionais. Além disso, informações falsas submetidas à verificação de fatos e episódios ocorridos na pandemia são utilizados a fim de exemplificação. Por meio dos exemplos apresentados, é possível identificar interesse político na propagação destas *fake news* pelo governo de Jair Bolsonaro e, também, o impacto da desinformação no número de casos e óbitos decorrentes da pandemia no país.

**Palavras-chave:** desinformação; teoria da conspiração; saúde pública; pandemia; Covid-19.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>2 PÓS-VERDADE E DESINFORMAÇÃO</b>	<b>13</b>
2.1 Verdade: uma história	14
2.2 Bem-vindo à era da pós-verdade	15
2.3 Pós-verdade e Política: uma intrínseca relação	19
2.4 Mídias sociais, o modelo jornalístico e o descrédito da mídia tradicional	22
<b>3 TEORIA DA CONSPIRAÇÃO, CRENÇAS CONSPIRATÓRIAS E MOVIMENTOS ANTI-CIÊNCIA</b>	<b>26</b>
3.1 Teoria da conspiração e definições	27
3.2 Razões pelas quais teorias da conspiração soam convincentes	30
3.3 Teorias da conspiração e suas consequências	32
3.4 Teoria da conspiração, pensamento anti-ciência e saúde coletiva	34
3.5 Teoria da conspiração “antivax” e mídias sociais	38
<b>4 FAKE NEWS EM TEMPOS DE PANDEMIA E SUA INTRÍNSECA RELAÇÃO COM TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO NEGACIONISTAS NO BRASIL</b>	<b>41</b>
4.1 Políticas Públicas na pandemia, fake news e teoria da conspiração	44
4.1.1 A defesa da imunidade de rebanho	46
4.1.2 Críticas ao isolamento e distanciamento social	48
4.1.3 Críticas ao uso de máscaras	49
4.1.4 O discurso antivacina	51
4.2 Realidade pandêmica, fake news e teoria da conspiração.	54
4.2.1 A supernotificação de casos: hospitais “verdadeiramente” vazios	54
4.2.2 A supernotificação de mortes e a omissão do número de sobreviventes	56
4.3 Covid-19 e os tratamentos miraculosos escondidos	58
<b>5 CONCLUSÃO</b>	<b>61</b>
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>65</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O Brasil é um dos países com mais casos e mortes decorrentes da infecção por Covid-19. Em fevereiro de 2022, quase dois anos desde o primeiro caso da doença em território nacional, o país ultrapassou 27 milhões de casos registrados e 641 mil óbitos pela doença, de acordo com o Consórcio de veículos de Imprensa, criado em junho de 2020 após o governo federal não informar com clareza aos cidadãos os números relacionados ao coronavírus no Brasil.

Durante a pandemia, a propagação de conteúdos enganosos, falsos ou deturpados no país tem sido praticada desde esferas governamentais, como falas do presidente Jair Bolsonaro, por exemplo. Entre esses discursos que incitam e propagam a desinformação, muitos podem ser classificados como teorias da conspiração ou fazem parte de uma, como a indicação do uso de medicamentos que não possuem respaldo científico, ativismo antivacina, ataques a jornalistas e cientistas que questionam e criticam o governo federal e suas falas. Tais ações que contrariam as medidas sanitárias indicadas por especialistas em saúde para prevenir a doença podem ser mencionados como exemplos do posicionamento de Bolsonaro em frente à pandemia do novo coronavírus.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu como uma infodemia a situação com a Covid-19, como medida de combate, criou, inclusive, um site para explicar as principais questões relacionadas ao coronavírus. O termo infodemia refere-se ao excesso de informações disponíveis sobre um mesmo tema em um curto espaço de tempo, devendo-se isso a um determinado evento, como é o caso da pandemia do coronavírus. O volume é intenso para a identificação de fontes idôneas e informações precisas e confiáveis. Nesse contexto, é comum surgirem desinformações.

O surgimento e veiculação de informações falsas, enganosas ou deturpadas não surgiu juntamente com a pandemia. Todavia, desde as últimas eleições realizadas a partir de 2016 em diferentes países, o papel da internet, mais precisamente das mídias sociais, tornou-se destaque para pensar a desinformação. Com as novas tecnologias e sua popularização, o conteúdo desinformativo consegue atingir um público maior em um tempo recorde. Dessa maneira, podem ter seus impactos sociais amplificados pelas redes sociais.

Cabe salientar a degradação da imagem da mídia tradicional que leva a consequente falta de credibilidade percebida por parte da população. Em um cenário que combina a ascensão de mídias sociais como fontes alternativas de informação e esse declínio da grande

mídia, as *fake news* encontram um ambiente favorável para alastrarem-se sem muita resistência.

Para além, de modo mais abrangente, todo esse ambiente está inserido em um contexto social e histórico de pós-verdade, no qual a verdade objetiva passa ao segundo plano. Sendo assim, a intensa produção e circulação de informações falsas ou enganosas são um sintoma de como a pós-verdade manifesta-se no dia a dia.

Em meio a uma crise sanitária ocorrendo na era da pós-verdade, com um alto volume de conteúdos desinformativos que vão contra a preservação da saúde da população, torna-se relevante compreender melhor como tais desinformações manifestam-se e suas possíveis implicações e impactos na saúde pública.

O presente trabalho propõe desinformação, com ênfase nas teorias conspiratórias, como uma questão de saúde pública na pandemia de Covid-19 no Brasil. De tal modo, a monografia tem como objetivo demonstrar como a desinformação que circula na pandemia e tem caráter conspiratório é um problema de saúde coletiva, tendo, assim, uma relação de impacto uma sobre a outra. O trabalho visa, também, discorrer sobre o descrédito da ciência, da mídia tradicional e outras entidades que prezam pela verdade. Além disso, como essa temática converge com política, relatar a desinformação como uma estratégia política é um objetivo.

Vale salientar que o fenômeno não é uma exclusividade brasileira, tendo sido um problema recorrente enfrentado em diversos países ao redor do mundo, como Estados Unidos da América e Índia. Entretanto, por se tratar de um país com estatísticas alarmantes em número de casos e óbitos e, também, ter repetidos episódios de discursos desinformativos com características conspiratórias proferidos pelo governo federal, torna-se importante analisar as especificidades vividas pelo Brasil. Além disso, a propagação desse tipo de conteúdo pode ter colaborado para os altos números de infecções e mortes pela pandemia no país, tornando, assim, a desinformação uma questão de saúde pública. Posto isso, é relevante dar luz à problemática da infodemia consequente do surto de Covid-19 no país.

O trabalho partirá de um referencial teórico com autores que abordam temas que fornecem suporte para seu desenvolvimento, como pós-verdade, desinformação, teoria da conspiração, mídias sociais e comunicação digital, além de estudos de caso de desinformação na pandemia. O relatório final da Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia (CPI da Pandemia), por apresentar informações relevantes sobre a veiculação de *fake news*, contexto político, impactos para a saúde pública e exemplos que ilustram a situação do Brasil na crise sanitária, também será utilizado. Por fim, desinformações pandêmicas submetidas à

verificação de fatos serão utilizadas como exemplificação a fim de dar corpo a como a narrativa das teorias da conspiração sobre a Covid-19 são articuladas.

Teorias da conspiração na pandemia orientam-se a partir de três eixos principais. O primeiro eixo é o ataque às políticas públicas utilizadas para conter o avanço do vírus e recomendadas por especialistas; o segundo é o ataque à realidade em si, questionando se de fato a doença e a pandemia existem e o quanto a situação seria realmente grave e alarmante; o terceiro eixo consiste na propagação de curas secretas que seriam a solução para encararem a doença com a confiança de saírem ilesos, sem haver a necessidade de prejudicar a economia, o país e o governo. A partir disso, as desinformações checadas pela imprensa no decorrer da pandemia foram selecionadas, organizadas e apresentadas.

As notícias de informação falsas verificadas e utilizadas no trabalho serão provenientes de veículos de comunicação, normalmente por meio das editorias de *fact-checking*, e agências de checagem, tais como: Aos Fatos, Agência Lupa, Fato ou Fake (G1), Estadão Verifica (Estadão), UOL Confere (UOL) e Projeto Comprova (iniciativa colaborativa que reúne diversos jornalistas e veículos).

O primeiro capítulo será voltado a apresentar informações sobre pós-verdade e desinformação relevantes para o desenvolvimento do trabalho. Partindo de casos, como exemplo, em 2016, o dicionário de Oxford elegeu a palavra *post-truth* (pós-verdade, em Português) como a palavra daquele ano. Passando por definições do que é, afinal, verdade a fim de fornecer um melhor suporte para o entendimento do que é a era da pós-verdade e seus episódios. Por fim, será descrita a relação entre pós-verdade e política, além de discorrer sobre mídias sociais, o modelo jornalístico e o descrédito sofrido pela mídia tradicional.

O segundo capítulo, por sua vez, abordará teoria da conspiração e apresentará a relação entre teoria da conspiração e saúde pública. Em um primeiro momento, serão apresentadas definições relevantes, explicações do porquê essa classificação de desinformação é convincente e, também, as consequências de teorias conspiratórias. Em seguida, a relação entre teoria da conspiração e saúde pública, que é permeada pelo pensamento anti-ciência, será pontuada. Ao final, o ressurgimento do ativismo antivacina online será utilizado a fim de exemplificar como conteúdos desinformativos que apresentam uma narrativa conspiratória atuam nas mídias sociais.

Utilizando como base o contexto fornecido pelos capítulos anteriores, o último capítulo terá como objetivo apresentar conteúdos de desinformação com caráter conspiratório que foram checados na pandemia. Para orientar o desenvolvimento do capítulo, o relatório final da CPI da Pandemia será utilizado, em conjunto com desinformações que exemplificam

os discursos de teorias da conspiração que circulam desde março de 2020, estas verificadas por veículos de comunicação e agências de checagem do país. Dessa maneira, a relação entre política, nas ações e falas do governo de Jair Bolsonaro, e teorias da conspiração, veiculadas nas *fake news*, será pontuada.

O terceiro capítulo será dividido em três partes que caracterizam os tipos de *fake news* de acordo com a temática que abordam. A primeira, será voltada aos discursos que vão contra às políticas públicas adotadas no enfrentamento à crise sanitária, como a defesa da imunidade de rebanho, críticas ao isolamento e distanciamento social, críticas ao uso de máscaras e o discurso antivacina. A segunda apresentará as desinformações que questionam a existência da pandemia em si ou sua gravidade, como as alegações de supernotificação de casos e de mortes, além da omissão do número de quem se contaminou com o vírus e sobreviveu. A terceira apresentará *fake news* que falam sobre os tratamentos para Covid-19 que seriam de interesse da mídia e dos cientistas manter em sigilo, como o uso de medicamentos comprovadamente ineficazes no tratamento da doença.

## 2 PÓS-VERDADE E DESINFORMAÇÃO

Em 2016, o dicionário de Oxford elegeu a palavra *post-truth* (pós-verdade, em Português) como a palavra daquele ano. Com o anúncio da palavra escolhida, em novembro do mesmo ano, o mundo teve a atenção direcionada para o termo e para o que ele poderia indicar que ocorrera e ocorreria.

A definição do termo, segundo o dicionário de Oxford, é: “relacionar ou denotar circunstâncias nas quais fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal”.<sup>1</sup>

O ano foi marcado por acontecimentos na política internacional, como a eleição de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos da América e pelo início do *Brexit*, a saída do Reino Unido da União Europeia. Tais acontecimentos foram acompanhados por discursos de extrema-direita, assim como da proliferação de informações de veracidade questionável, como exemplo, as populares *fake news* (notícias falsas, em tradução literal) relacionadas à acusação de fraudes na apuração eleitoral nos EUA, mesmo com a ausência de provas, que supostamente beneficiariam o desempenho de Hillary Clinton, rival de Trump naquelas eleições.

Pós-verdade não é apenas a ideia de que há fatos alternativos, paralelos à realidade, e não é sinônimo de informações falsas. O conceito é mais amplo que ambas as expressões, ainda que no passado o conceito de verdade possa ter sido colocado em posição de questionamento, há particularidades do fenômeno. Pós-verdade não é apenas colocar em dúvida a verdade, refere-se a quando os fatos têm menor importância que os sentimentos e subjetividades de cada um. Dessa forma, os indivíduos demonstram a tendência de não mudar de opinião mesmo quando expostos a evidências e acontecimentos, os quais confrontam seus posicionamentos iniciais.

Sob um contexto em que sua percepção particular da realidade sobrepõe-se ao real, há uma busca de confirmações de seu ponto de vista, ainda que, para isso, seja necessário burlar os fatos e apresentá-los com uma interpretação deturpada. Vale salientar uma idiosincrasia: os sentimentos da população são instigados, em detrimento dos fatos, como ferramenta de domínio político.

[...] pós-verdade como parte de uma tendência internacional crescente em que alguns se sentem encorajados a tentar dobrar a realidade para se adequar às suas opiniões,

---

<sup>1</sup> No original: “relating to or denoting circumstances in which objective facts are less influential in shaping public opinion than appeals to emotion and personal belief.”

ao invés do contrário. Esta não é necessariamente uma campanha para dizer que os fatos não importam, mas sim uma convicção de que os fatos podem sempre ser sombreados, selecionados e apresentados dentro de um contexto político que favorece uma interpretação da verdade em detrimento de outra. (MCINTYRE, 2018, p. 5- 6, tradução nossa<sup>2</sup>)

## 2.1 Verdade: uma história

Torna-se necessário explorar o que o termo “verdade” significa em distintas perspectivas temporais. A conceitualização da palavra, e da ideia, é ponto recorrente na filosofia desde a Grécia antiga. Uma das mais famosas definições de “verdade” encontra-se em Aristóteles, na qual o filósofo diz: "dizer do que é que ele é, ou dizer do que não é que ele não é, é a verdade”.

A frase de Aristóteles é o modelo de correspondência, isto é, quando o parâmetro para concluir se algo é ou não verdadeiro é somente o quanto é compatível com a realidade, uma relação de correspondência entre o pensamento e a realidade, entre a representação e o real. Como já mencionado, ao decorrer do tempo, responder o que é “verdade” foi um ponto frequente no pensamento filosófico. Por séculos, as teorias da verdade pautaram, e pautam, debates na Filosofia e outras concepções demonstram a sua diversidade.

Apesar de tal diversificação entre teorias da verdade, o que está em lugar de questionamento não se trata especificamente delas, em termos de conceitualização, mas sim de como fazer sentido nas várias maneiras nas quais a verdade é subvertida (MCINTYRE, 2018).

Nietzsche frisa recorrentemente sua posição crítica em relação à verdade como um valor. Desta maneira, o filósofo coloca em questão a crença na verdade, que para as tradições filosóficas, e religiosas, ocidentais é colocada em um lugar moralmente visto como de valor. Esta posição exposta pelo autor, em que a verdade passa a ocupar um novo lugar e transforma-se em algo mais subjetivo que objetivo, ou seja, uma ruptura com ideais consolidados, até então, sobre a verdade.

Michel Foucault, por sua vez, apesar de não ter preocupado-se em conceitualizar o que é, afinal, verdade, apresenta ideias acerca da verdade, salientando um rompimento com a concepção universalista e estritamente física da verdade. Sob a perspectiva foucaultiana, a verdade torna-se uma questão de perspectiva, portanto, havendo uma multiplicidade de verdades. Para o autor, a verdade é intrinsecamente vinculada às particularidades dos

<sup>2</sup> No original: [...] post-truth as part of a growing international trend where some feel emboldened to try to bend reality to fit their opinions, rather than the other way around. This is not necessarily a campaign to say that facts do not matter, but instead a conviction that facts can always be shaded, selected, and presented within a political context that favors one interpretation of truth over another.

acontecimentos, estes, por sua vez, ligados a um determinado tempo e local.

Neste ponto, ocorre a cooptação por parte da pós-verdade, a partir da procura e da necessidade de colocar a verdade em posição questionável para que novas verdades possam ser contadas e ouvidas. Uma vez que a verdade é apresentada como relativa, cada um possuiria uma verdade e, portanto, os discursos desinformativos nada mais seriam que a verdade para aquele grupo.

A extrema-direita apropria-se de ideias pós-modernas deturpando o sentido no qual originalmente era uma maneira de mostrar a importância de ouvir narrativas sob diferentes perspectivas, isto é, ouvir outras verdades. Ainda para o autor, em tal processo de cooptação residiria a preocupação daqueles que sentem que a verdade está sob ataque com a pós-verdade, assim como prezam por ela (MCINTYRE, 2018).

Neste contexto, o que é importante - na verdade, o que é realmente crível e convincente como verdade - é que o que é declarado parece autêntico ou está em conformidade com um sentimento preexistente, não que seja preciso de alguma forma demonstrável. “Verdade” tornou-se pessoal, uma questão de sentimento e gosto subjetivos e não muito diferente de uma opinião (pense em “minha verdade”). (ROSENFELD, 2019, p.15, tradução nossa<sup>3</sup>)

Vale, ainda, explorar a visão do senso comum sobre verdade, a qual converge com a visão aristotélica. A tendência de mudar de opinião ainda é existente, assim como é presente no pensamento aristotélico e no perspectivismo, em que ao sair de sua perspectiva, posiciona-se como vulnerável a mudar de crença.

De todo modo, considerando o modelo de correspondência, passando pelo senso comum e pelo conceito pós-moderno de verdade, a ética que prevaleceu foi que diante de novas evidências, há a necessidade de mudar de posicionamento, de opinião. Seja ao ser exposto a novos fatos objetivos ou ao entrar em contato com outras perspectivas. Na era da pós-verdade, a consistência em não mudar de opinião quando há novos fatos ou crenças tornou-se a postura ética predominante.

## **2.2 Bem-vindo à era da pós-verdade**

Para McIntyre (2018), pode-se explicar que julgamos a verdade de modo qual melhor encaixe em nossa percepção da realidade. Na era da pós-verdade há a iminência de dois desafios: conhecer a realidade, assim como a existência própria da realidade. A importância

---

<sup>3</sup> No original: In this context, what is important—indeed, what’s actually believable and convincing as truth—is that what’s stated feels authentic or conforms to a preexisting sentiment, not that it’s accurate in some demonstrable way. “Truth” has become personal, a matter of subjective feeling and taste and not much different from an opinion (think “my truth”).



dos fatos tornou-se flexível, variável de acordo com cada situação e a partir de um fator que se destaca, as crenças e subjetividades individuais.

Uma vez que cada indivíduo julga a verdade da melhor maneira que encaixe na realidade, isto é, em sua percepção do real, a verdade não existe e os fatos são dependentes diretos de sua visão política (MCINTYRE, 2018).

Sophia Rosenfeld (2019) aponta que, de acordo com tal narrativa, não se importar com os fatos é uma posição popular de muitas pessoas ao redor do mundo. A autora salienta, ainda, que é crescente o número de cidadãos que acreditam que fatos imparciais e consensuais não existem.

Ao posicionarem-se de tal modo, o trabalho de jornalistas, cientistas, escolas e universidades, profissionais e instituições que prezam pelo respeito às evidências, é desvalorizado e seu papel social subestimado. Quando não vistos como desnecessários, são vistos como a prestação de um desserviço à sociedade.

Na era da pós-verdade, as *fake news* são um fenômeno que se evidencia, apesar de não ser uma exclusividade atual, elas estão espalhadas por todo globo. Termo em alta e amplamente utilizado nos últimos anos, *fake news* refere-se a quando tais notícias falsas são produzidas com conteúdo falso, adulterado ou fora de contexto propositalmente, ou seja, há uma intenção por trás que motiva sua criação e veiculação.

Em um terreno tão fértil quanto a era da pós-verdade, os conteúdos falsos alastram-se com facilidade, sendo assim há uma certa diversidade entre si e as *fake news* podem ser separadas em categorias distintas de desinformação, as quais variam de autor para autor e também de acordo com o objeto analisado. Em síntese, pode tratar-se de uma informação distorcida ou manipulada, como em casos que a informação é retirada de contexto ou apresentada com um enquadramento enganoso, além de poder tratar-se de algo inteiramente falso, em alguns casos um relato inteiramente fabricado.

Vale mencionar que é importante destacar a intenção como força motriz das *fake news*, uma vez que dizer alguma informação falsa não é necessariamente caracterizado como uma *fake news*. Por nem sempre ocorrer intencionalmente por parte do interlocutor, pode ser originário por falta de conhecimento ou de verificação adequada, por exemplo.

[...] às vezes cometemos erros e dizemos coisas que não são verdadeiras sem querer. Nesse caso, a pessoa está proferindo uma “falsidade”, em oposição a uma mentira, pois o erro não é intencional. O próximo passo além disso é a “ignorância intencional”, que é quando não sabemos realmente se algo é verdadeiro, mas dizemos mesmo assim, sem nos preocupar em descobrir se nossas informações estão

corretas. (MCINTYRE, 2018, p.7, tradução nossa<sup>4</sup>)

Para exemplificar a pós-verdade e desinformações na vida cotidiana, nas últimas duas décadas, o negacionismo científico passou por uma explosão, atingindo cada vez mais adeptos para ideias como a descrença em mudanças climáticas, evolucionismo e vacinas. Além disso, no mesmo recorte temporal, as táticas que são usadas pela pós-verdade surgiram e foram aperfeiçoando-se. Ao desvalorizar instituições que são essencialmente orientadas pela objetividade e mudança de crença a partir dos fatos, da verdade, a pós-verdade manifesta-se na onda negacionista.

Os movimentos negacionistas aproveitam-se de como a ciência funciona para criar teorias alternativas e geralmente têm um apelo emocional ao público em potencial. Uma vez que não se trata somente da descrença em fatos, como também de apenas aceitar aqueles que dão suporte ou justificam sua ideologia.

A principal problemática acerca de nossa era da pós-verdade não consta na possibilidade de que fatos desapareçam ou jamais voltarão a serem ouvidos e considerados como parâmetro para o verdadeiro, ainda que haja visões recentes e fatídicas preocupadas com estas questões. O principal risco encontra-se na mitologia ao redor da verdade e seu valor dentro da sociedade que tem sido abalado e caso não sobreviva em sua posição de relevância, não há ao que atribuir este lugar (ROSENFELD, 2019).

O dia da posse de Donald Trump como presidente dos EUA, em 20 de janeiro de 2017, foi um marco quando pensamos em pós-verdade, pois foi um forte indicativo de que a era dominada por ela realmente estava a valer. Ao longo da campanha eleitoral, Trump constantemente propagou desinformação e negligenciou fatos, todavia, em seu dia de posse foi um destaque nesse aspecto. No palco do *Liberty Ball*, que faz parte dos bailes oficiais da posse tradicional na capital estadunidense, o então novo presidente discorreu sobre o suposto milagre divino (MELLO, 2020).

Patrícia Campos Mello (2020), trouxe luz para uma frase que naquele momento já havia sido subvertida, escrita pelo senador democrata Daniel Patrick Moynihan há 40 anos: “Todo mundo tem direito a suas próprias opiniões, mas não a seus próprios fatos”. O novo governo chegou logo após a Presidência que se colocava a favor da diversidade e se posicionava como favorável à união entre diferentes religiões, nacionalidades e gêneros.

---

<sup>4</sup> No original: [...] we sometimes make mistakes and say things that are untrue without meaning to do so. In that case, one is uttering a “falsehood,” as opposed to a lie, for the mistake is not intentional. The next step beyond this is “willful ignorance,” which is when we do not really know whether something is true, but we say it anyway, without bothering to take the time to find out whether our information is correct.

Neste contexto, o governo populista, nacionalista, que incentivava a supremacia racial e se posicionava em ataque à inimigos externos começou. Trump, em seu mandato, exerceu um governo da pós-verdade, que sobrepunha versões sobre fatos.

A autora relembra, ainda, a história de como o termo “fatos alternativos” recebeu destaque. Seguindo a mesma linha da campanha e do dia da posse, no dia seguinte, Kellyanne Conway, conselheira de Trump, explicou a mentira proferida pelo porta-voz em reportagem ao âncora Chuck Todd quando foi questionada da razão que ele, o presidente, disse uma inverdade que provavelmente seria rebatida. A resposta de Kellyanne foi que ele estaria fornecendo “fatos alternativos”. O âncora rebateu afirmando que “fatos alternativos” não são fatos e sim falsidades.

Na narrativa Trumpista, a mídia tradicional seria a responsável para propagar as “verdadeiras” *fake news*. Em 2017, o então presidente dos EUA afirmou que ele seria o criador da expressão “*fake news*” e que outros, com posicionamentos políticos divergentes aos seus, usariam o termo de modo equivocado. Assim, ao revelarem os “fatos alternativos” ao público, eles estariam trazendo luz ao que seria a verdade e resistindo contra as instituições que disseminariam as inverdades à população.

“Em *Trumpland*, a verdade se torna falsidade, e a falsidade se disfarça de verdade. A credibilidade de qualquer fonte, na verdade a própria ideia de conhecimento verificado em si, é, portanto, posta em questão” (ROSENFELD, 2019, p.5, tradução nossa<sup>5</sup>).

Uma outra história que ilustra o descrédito da mídia envolve Olavo de Carvalho, o guru do bolsonarismo que se autointitula como filósofo. O contexto é sua presença em uma visita de Jair Bolsonaro a Donald Trump em Washington, sua primeira viagem como presidente do Brasil. Nesta mesma viagem, Steve Bannon, o conhecido estrategista de propaganda de Trump, encontrou-se mais uma vez com a família Bolsonaro, além disso, em tal momento, o famoso trumpista já era um admirador de Olavo, tanto que foi anfitrião de uma sessão do documentário *O jardim das aflições*, do cineasta Josias Teófilo sobre Olavo de Carvalho, um dos programas dos Bolsonaro durante a viagem. Após a exibição, Carvalho foi abordado por jornalistas e foi de um senhor gentil para alguém que profere ofensas em público (MELLO, 2020).

Quando John Paul Rathbone, jornalista e colunista do jornal Financial Times, aproximou-se do guru bolsonarista, o perguntou o que a visita de Bolsonaro aos Estados

---

<sup>5</sup> No original: In *Trumpland*, truth becomes falsehood, and falsehood masquerades as truth. The credibility of any source, indeed the very idea of verified knowledge itself, is thus thrown into question.

Unidos significaria. Como resposta, Carvalho disse que deste modo o Brasil obteria a importante ajuda americana, por meio de um aumento de compras de produtos brasileiros, para que o país não fosse “vendido à China”. Logo após, o jornalista o confrontou afirmando que o Brasil e os Estados Unidos seriam concorrentes por terem uma pauta de exportação semelhante. Olavo defendeu que os dois países poderiam unir-se e vender comida a todos, no instante seguinte de afirmar que eles seriam responsáveis por metade da produção de alimentos do globo. Neste momento, o colunista o questionou se não seria classificado como prática de cartel (MELLO, 2020).

A partir de então, o tom de Olavo mudou, gritando no salão do hotel que acontecia o evento, ele disse: “Eu não chamei de cartel. Você está pondo palavras na minha boca, você está distorcendo, você é maldoso, você é um mentiroso, você é um mentiroso. [...] Não quero mais falar com você, você é mentiroso” (MELLO, 2020). Após a discussão, Carvalho deixou o salão e ao encontrar jornalistas na porta que lhe perguntaram se estava otimista com o governo Bolsonaro, fez uma negativa, alegando que a mídia teria a intenção de matar o presidente e que Jair não teria direito de defesa. “Isso é um golpe de Estado, vocês não estão entendendo? A classe jornalística, todos vocês”, declarou (MELLO, 2020).

Em suma, para a criação desta nova realidade, que é pós-verdade em si, há o uso seletivo de fatos que sustentem o posicionamento do indivíduo perante diferentes aspectos em conjunto com a rejeição de fatos que fogem a esse suporte de posição, fatos que não parecem parte integrante dessa história que contam para si mesmos como a verdade (MCINTYRE, 2018).

### **2.3 Pós-verdade e Política: uma intrínseca relação**

Amplamente discutida em 2016, a história de uma suposta rede de pedofilia do Partido Democrata no porão de uma Pizzaria em Washington, o *Pizzagate*, ilustra os usos políticos da desinformação. Embora seja uma história bizarra, ainda assim foi propagada e crível para muitos críticos do Partido Democrata, principalmente aos defensores e mais alinhados a Donald Trump.

Até hoje, relatos - pelo menos nos círculos dos preocupados - inspiram risos, mas também expressões de consternação. Risos porque, na superfície, a história é tão absurda. Desânimo porque, como muitos outros boatos e contos de conspiração improváveis e quase políticos hoje em dia, ele na verdade tinha seus adeptos, que podem facilmente localizar uns aos outros online. (ROSENFELD, 2019, p.11,

tradução nossa<sup>6</sup>)

Pouco tempo depois, no começo de 2017, Trump logo que assumiu o cargo de presidente já demonstrou irritação com a imprensa. Quando se deparou com as fotos e números comparativos entre a sua posse e a de Obama, o então presidente declarou que os jornalistas são os seres humanos mais desonestos da face da Terra (MELLO, 2020).

Em sua narrativa, a mídia primária dos Estados Unidos é corrupta em um nível tão elevado que ele tem respaldo e justificativa em mentir para eles. Dessa maneira, Trump reforça a descrença no outro, em figuras como a mídia tradicional, centros de pesquisa, universidades e outras fontes de informação “convencionais”, para ampliar sua credibilidade.

Com os discursos de conteúdo absurdo, Trump força a mídia tradicional a falar sobre eles, disseminando e aumentando ainda mais o alcance de suas narrativas, dessa maneira, o ex-presidente pautava a mídia. Para seus apoiadores, ele ocupou o papel de *true teller* (contador de verdades, em tradução literal), como aquele que tem coragem para falar as “verdades” que seriam ignoradas ou escondidas pela mídia tradicional (ROSENFELD, 2019).

Com tal descrença e desmoralização, para Trump, os verdadeiros contadores de *fake news* são as fontes de informação convencionais, como a mídia tradicional, uma vez que para ele e seus apoiadores eles enxergam a verdade por trás das intenções midiáticas e de outras instituições. “Quando um líder político é realmente poderoso, ele ou ela pode desafiar a realidade” (MCINTYRE, 2018, p. 113, tradução nossa<sup>7</sup>).

As campanhas eleitorais da segunda metade da década de 2010 foram marcadas por algo inédito, o protagonismo da internet, principalmente das mídias sociais, em campanhas políticas e ocupando um papel crucial para a decisão de eleições. Juntamente, as *fake news* trouxeram luz a preocupações acerca do impacto da desinformação em campanhas eleitorais.

Em 2016, o BuzzFeed publicou uma análise referente ao engajamento de postagens no Facebook durante o período eleitoral nos Estados Unidos. Nos últimos três meses da campanha presidencial dos Estados Unidos, as notícias eleitorais falsas de melhor desempenho no Facebook geraram mais engajamento do que as principais notícias dos principais veículos de comunicação.

Para a reportagem, o veículo considerou como fontes de notícias verídicas grandes

---

<sup>6</sup> No original: To this day, retellings—at least in the circles of the worried—inspire laughter, but also expressions of dismay. Laughter because, on the surface, the story is so preposterous. Dismay because, like many other such improbable, quasi-political hoaxes and conspiracy tales these days, it actually had its adherents, who can easily locate one another online.

<sup>7</sup> No original: When a political leader is really powerful, he or she can defy reality.

sites que protagonizavam o mundo das notícias, como: The New York Times, The Washington Post, The Los Angeles Times, The Wall Street Journal, New York Daily News, New York Post, The Guardian, USA Today, NBC News, ABC News, CBS News, CNN, FOX News, NPR, Huffington Post, BuzzFeed, Vox, Business Insider e Politico. O lado da desinformação teve como origem veículos fraudulentos, assim como blogs hiper partidários.

Quando colocadas lado a lado, as 20 histórias falsas eleitorais obtiveram um desempenho de 8.711.000 compartilhamentos, reações e comentários na rede social. Em contraste, as 20 notícias verdadeiras sobre as eleições, provenientes de 19 importantes sites de notícias, geraram um total de 7.367.000 compartilhamentos, reações e comentários no Facebook. Esses dados são referentes aos meses finais da campanha, chamados como meses críticos.

“Notícias falsas são uma tentativa deliberada de fazer com que as pessoas reajam às informações erradas, seja por finalidade de lucro ou poder” (MCINTYRE, 2018, p. 109, tradução nossa<sup>8</sup>).

Embora os conteúdos falsos sejam amplamente disseminados nas redes sociais, certos grupos apresentam maior propensão a compartilhar *links* com notícias falsas. Entre os quais, pessoas com posições conservadoras demonstram-se mais propensas a disseminar conteúdos com tais características, o que foi destaque nas eleições de 2016 nos EUA. Momento em que conservadores compartilharam mais artigos de domínios de *fake news*, com informações que beneficiariam Donald Trump, que indivíduos com posições liberais ou moderadas (GUESS, NAGLER, TUCKER, 2021).

No Brasil, o fenômeno das *fake news* originou a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito das Fake News, a CPMI das Fake News. O objetivo formal da comissão investigativa do Congresso, instalada em julho de 2019 pela oposição ao bolsonarismo, foi investigar o uso de perfis falsos para influenciar os resultados das eleições, assim como ataques cibernéticos antidemocráticos, a prática de *cyberbullying* e o aliciamento de crianças para cometer crimes ou suicídio. Todavia, no contexto daquele período, o chamado “gabinete do ódio” atuava agressivamente promovendo linchamentos virtuais a opositores do governo. Havia, também, o interesse da oposição de Bolsonaro em apurar as mensagens disparadas em massa por WhatsApp e a disseminação de *fake news* durante a campanha presidencial de 2018. Sob essa conjuntura, os apoiadores de Bolsonaro foram contra a instalação da CPMI desde o início, acusando-a de ser um palanque político (MELLO, 2020).

---

<sup>8</sup> No original: Fake news is a deliberate attempt to get people to react to one’s misinformation, whether for the purpose of profit or power.

## 2.4 Mídias sociais, o modelo jornalístico e o descrédito da mídia tradicional

A desconfiança sobre a integridade das informações e dados divulgados por instituições, tais como agências governamentais, universidades, centros de pesquisa científica e a mídia como um todo, ganhou popularidade e tem conseguido mais espaço e adesão do público, segundo estudos, principalmente em indivíduos à direita do espectro político. Os defensores do descrédito acreditam que fontes legítimas e confiáveis de informação não existem, sendo assim, todas as instituições citadas anteriormente seriam fontes de mentiras e se dedicariam a propagandas de cunho partidário e com supostos interesses ocultos (ROSENFELD, 2019).

Até 1830, as ideias de objetividade, neutralidade e a noção de apuração, tão naturalizadas em dias atuais, não faziam parte das expectativas sobre jornalistas. Ainda no século XIX, houve a explosão de um modelo conhecido como *yellow journalism* (jornalismo amarelo, em tradução literal), apesar de não haver uma origem certa para o termo, referia-se ao jornalismo sensacionalista, exagerado e escandaloso que priorizava aumentar a venda de jornais em detrimento de fatos.

Possivelmente, as *fake news* surgiram juntamente com o conceito de notícia. Portanto, as notícias falsas não são um fenômeno inteiramente contemporâneo. Todavia, com a internet e as mídias sociais, o *yellow journalism* regressou.

Acontece que as verdadeiras “notícias falsas” também são um fenômeno muito antigo. Libelles pornográficos com Maria Antonieta obcecada por sexo nos anos anteriores à Revolução Francesa são simplesmente os ancestrais das “notícias” de hoje, alegando que Michelle Obama ou Melania Trump é na verdade um homem, ou duplê de corpo, ou lésbica, ou qualquer outra coisa lasciva. (ROSENFELD, 2019, p.17, tradução nossa<sup>9</sup>)

Está intrínseco nas ideias de imparcialidade, objetividade e de apuração jornalística o modelo proveniente da mídia estadunidense que visa alcançar a informação mais completa o possível logo no começo da notícia, os Cinco Ws, com origem na expressão em Inglês *Five Ws*. No termo, cada uma das letras W significa uma questão que deve ser sanada, preferencialmente, no primeiro parágrafo de uma notícia, o lide (palavra derivada de lead, em Inglês, que significa líder, primeiro ou guia, no contexto, refere-se ao que vem à frente). As perguntas são: quem? O quê? Onde? Quando? Por quê? Como? Em Inglês, respectivamente,

---

<sup>9</sup> No original: Real “fake news,” it turns out, is a very old phenomenon too. Pornographic libelles featuring a sex-obsessed Marie-Antoinette in the years before the French Revolution are simply the ancestors of today’s “news stories” claiming Michelle Obama or Melania Trump is actually a man, or a body double, or a lesbian, or anything else salacious.

*who? What? Where? When? Why? How?*

Para além dos Cinco Ws, faz parte da estrutura dos textos jornalísticos o modelo da pirâmide invertida. Sendo esta a técnica de compor a notícia a partir do lide, ou seja, as informações em uma matéria que segue o modelo são organizadas em ordem decrescente de importância, desse modo, a base da pirâmide, o mais relevante a ser noticiado, encontra-se no topo, logo no início do texto. Tal modelo de estruturação de informações jornalísticas e do próprio modo de noticiar perpassou o tempo e se mantém até dias atuais.

Vale ressaltar que embora, atualmente, existam outros modelos de lide jornalístico e estruturação de textos jornalísticos, essas são importantes bases para o jornalismo como o entendemos e conhecemos hoje.

Faz parte, também, da objetividade o ideal de imparcialidade e da apuração expor os dois lados de toda história, a qual é uma prática essencial do jornalismo contemporâneo, mesmo quando se tratava de casos factuais. Atuando desse modo, demonstrou-se um caminho falho para a cobertura científica. Uma vez que ao fazer isso, a mídia age como se houvesse uma equivalência falsa entre os dois lados, pois apenas um era voltado aos fatos e não a opiniões.

Com a *web* e todas as novas interações possíveis, a pós-verdade aproveitou-se do desgaste que a mídia tradicional atravessava para disseminar conteúdos falsos ou enganosos. Como a Internet tem ferramentas próprias, houve a ação de forças de inteligência russas, além de empresas dos EUA, espalhando desinformação na campanha presidencial de 2016 utilizando os chamados *bots* (termo com origem em *robots*, robôs em Inglês). Também se salienta como estrategicamente utilizaram plataformas internacionais como YouTube, Facebook e Google de modo a aproveitar como estas redes funcionam, em busca de lucros.

No último relatório divulgado pelo Facebook, em agosto de 2021, após uma matéria do jornal The New York Times expor o atraso e os dados que continha, foi revelado que o *link* mais compartilhado pelos usuários na rede é de um conteúdo falso que atribui a morte de um médico na Flórida à vacina contra a Covid-19 veiculada pelo Chicago Tribune. O relatório da rede social contém as postagens de maior sucesso no primeiro trimestre de 2021 nos EUA.

A internet tornou-se um local repleto de histórias falsas, criadas com o intuito de instigar apoiadores, assustar, irritar e enganar o público com interesses políticos. Sob o contexto de declínio das mídias tradicionais, as redes sociais emergiram como uma fonte de informação e de notícias. Uma vez que o *cyberespaço* é repleto de portais de “notícias”, torna-se difícil ao usuário médio discernir a legitimidade de cada *link* que chega até ele pelas mídias sociais.



Entre as novas fontes de “notícias” clicáveis e compartilháveis nas redes, destacam-se os veículos hiper partidários, os quais utilizam de seus vieses políticos para enquadrar os discursos, e os veículos de “pseudojornalismo” que se travestem de legítimos, utilizando a estética e estrutura jornalísticas, porém são fraudulentos e buscam disseminar desinformação (RECUERO, SOARES, 2020).

Uma das características das redes que favoreceu a disseminação das *fake news* no mundo online foi a possibilidade de interagir com pessoas de um círculo social próximo. Desse modo, com a mídia tradicional com a imagem deteriorada, a fonte de informações passou a ser familiares e amigos por meio de suas postagens e compartilhamentos nas mídias sociais. Além disso, ainda há a dificuldade do público em distinguir fato e ficção, verdadeiro e falso, na qual fazem o julgamento baseado em suas visões já preexistentes.

No Brasil, vale ressaltar o papel que o aplicativo de mensagens WhatsApp apresenta quando se fala em veiculação de desinformação, além de comum é um canal que não pode ser rastreado. O aplicativo é muito popular no país e frequentemente é um espaço relevante para trocas de informações entre os usuários. Entre os brasileiros, o WhatsApp é inegavelmente uma fonte de informação, em números, segundo a Reuters, 48% dos usuários utilizam o aplicativo para consumir notícias, enquanto 57% considera uma fonte importante para obter informação política. De modo geral, o conteúdo desinformativo compartilhado pelo canal costuma ter um viés que favoreça narrativas da extrema-direita (SOARES *et al.*, 2020).

O cenário das mídias sociais é marcado pela formação de bolhas, nas quais o indivíduo tem contato, predominantemente, com pessoas que compartilham as mesmas crenças e visões de mundo. Esses grupos em mídias sociais são uma consequência direta dos algoritmos utilizados pelas redes, uma vez que priorizam entregar ao indivíduo conteúdos condizentes com seu comportamento na *web*, por isso, também chamados de filtros bolha. De tal modo, estando em um ambiente amigável para expor sua opinião, por mais polêmica que possa soar em outros círculos ou incompatível com a realidade, as bolhas propiciam que o indivíduo intensifique suas crenças por conterem um viés de confirmação.

Sob o filtro bolha, as redes tornaram-se um lugar confortável para expressar sua opinião, ademais, facilita o encontro entre simpatizantes e, assim, propicia a articulação de grupos na internet. Neste ponto, vale salientar a teoria da espiral do silêncio. Sob a premissa da natureza social dos indivíduos, é questionado como as opiniões individuais articulam-se para obter consequências sociais e políticas. Uma vez que a sociedade tende a isolar e excluir aqueles que desviam das opiniões dentro do consenso, os indivíduos que se encontram em um contexto no qual sua opinião é percebida, isto é, pode-se incluir minorias barulhentas e

maiorias silenciosas, como condizente com a maioria apresentam a tendência a falar. Do mesmo modo, quando o contexto é o oposto, a tendência demonstrada pelos indivíduos é de manter-se em silêncio.

Em um ambiente como o das bolhas em redes sociais, com a opinião pública forjada pelo filtro bolha, o indivíduo, ao perceber sua opinião como parte da opinião majoritária demonstra a tendência de expor suas ideias. Dessa maneira, o comportamento dos usuários instigados pelas bolhas, tornou -se um exemplo de como a espiral do silêncio pode estar presente nas mídias digitais.

### 3 TEORIA DA CONSPIRAÇÃO, CRENÇAS CONSPIRATÓRIAS E MOVIMENTOS ANTI-CIÊNCIA

Em uma pandemia, em meio a era da pós-verdade, parte das *fake news* que circulam são inteiramente ou fazem parte de alguma narrativa de conspiração. Em um contexto de intenso descrédito da ciência e da mídia, informações relacionadas a supostos tratamentos miraculosos, ao discurso antivacina e narrativas apontando a doença como uma criação proposital chinesa que faz parte de um grande esquema internacional são recorrentes na pandemia de Covid-19. Estes são alguns exemplos de como teorias da conspiração mantêm presença neste momento de crise sanitária.

Cabe, ainda, mencionar que no contexto de novas mídias, desinformação e na era da pós-verdade, teorias da conspiração tornaram-se um fenômeno cultural. Esta é uma das categorias de desinformação apontadas por autores e, por se fazer presente nas desinformações pandêmicas, será a categoria em foco no desenvolvimento deste trabalho.

Uma das principais questões associadas às teorias da conspiração é que não são limitadas a um grupo restrito e afastado, em épocas de crise, como a pandemia, a visão de mundo de muitas pessoas pode ser abalada e, dessa forma, cidadãos médios passam a ser crentes destas narrativas.

À primeira vista, as teorias da conspiração podem soar convincentes. Em geral, são apresentadas com uma exposição inicial de dados, fatos históricos ou científicos válidos. A narrativa destas teorias, após esse início que funciona como uma base para a suposta credibilidade da história, chegam a conclusões que se distanciam e fogem da realidade.

Uma outra questão relevante sobre o tema é a dificuldade de dialogar com indivíduos que endossam teorias conspiratórias. Apontar evidências ou contradições na linha argumentativa não costuma funcionar. As teorias vão para além de uma perspectiva objetiva, têm um apelo emocional e suas narrativas contam histórias do bem contra o mal, isto é, a dualidade é instigada por meio da criação de “eles” *versus* “nós”, em que o primeiro representaria o mal que o lado bom, “nós”, teriam o dever de combater.

Neste ponto, vale mencionar como as teorias da conspiração têm se manifestado ao longo da pandemia de Covid-19 no Brasil. Recorrentemente, tais narrativas conspiratórias e desinformativas estão incluídas no cenário em que os “esquerdistas” ou “comunistas” seriam o lado dos vilões da história que orquestrariam contra o governo de Jair Bolsonaro e conseqüentemente contra o país. O “eles” deste conjunto conspiratório é formado por indivíduos ou grupos que supostamente seriam de esquerda, como a mídia, cientistas,

governos, figuras públicas e empresas com posicionamentos pró-vacina.

### 3.1 Teoria da conspiração e definições

Joseph Uscinski (2019) ressalta a relevância de discutir as definições sobre teorias da conspiração, uma vez que tais definições são determinantes para o que é visto como veracidade da teoria e, também, quem seriam os teóricos da conspiração. Desta maneira, é primordial ir em busca de definições amplas com a finalidade de evitar que distorções em conceitos excludentes de certos vieses consequentemente distorçam as descobertas e análises. Além disso, o termo “teoria da conspiração” e expressões derivadas tendem a suscitar respostas emocionais. Em virtude de tais aspectos, uma conceitualização mais imparcial e sem a conotação pejorativa, recorrente no senso comum, é pertinente ao discutir as definições.

Torna-se importante, portanto, apresentar definições acerca de teoria da conspiração. As definições relevantes para o presente trabalho são: teoria da conspiração, crença conspiratória e pensamento conspiratório.

Em síntese, uma teoria da conspiração refere-se a uma trama organizada por um grupo de pessoas ou organizações em posição de poder que em conjunto trabalham secretamente em prol de um objetivo, este, em geral, é obscuro ou sinistro (WOOD; DOUGLAS; SUTTON, 2012). Isto é, trata-se, portanto, de uma nova explicação de eventos.

Os conspiradores são descritos como um grupo seletivo de pessoas poderosas que atuam em segredo visando benefício próprio e contra o bem comum, atores em posição de poder, como governos, cientistas e organizações religiosas, que secretamente buscam alcançar um objetivo traiçoeiro. À vista disso, as teorias da conspiração são explicações de eventos ou circunstâncias, ocorridos no passado, em andamento ou no futuro, que foram causados por algum grupo com estas características e que supostamente atuaria em sigilo. “Teorias de conspiração são em sua essência sobre poder: quem o tem e o que eles fazem com ele quando ninguém pode ver” (USCINSKI, p. 48, 2019 tradução nossa<sup>10</sup>).

Na prática, uma teoria da conspiração refere-se a uma posição de acusação em relação a determinado grupo poderoso, trata-se de uma percepção que aparentemente pode ou não ser verdadeira, isto é, por definição, não são falsas. Todavia não são informações oficialmente aceitas e comprovadas, permanecem como acusatórias e suspeitas. Esta percepção acusatória é o que constitui a narrativa conspiratória em uma teoria da conspiração (USCINSKI, 2019).

Um ponto de sobressalto em teorias da conspiração é seu falseamento, elas são

---

<sup>10</sup> No original: “Conspiracy theories are at their core about power: who has it and what do they do with it when no one can see.”

articuladas de maneira a serem irrefutáveis e sugerem que são histórias possíveis, pois se baseiam na possibilidade de as conspirações poderem ser bem-sucedidas atuando em segredo. Uma vez que abordam informações sigilosas, há poucos indícios de sua existência, assim como muitas evidências que a negam e pistas falsas. Em contrapartida, as argumentações factuais utilizadas para sustentar teorias da conspiração podem ser consideradas verdadeiras ou falsas facilmente e desta maneira, as alegações factuais podem revelar a realidade por trás das tramas conspiratórias. Ao não ser possível comprovar que uma articulação conspiratória está acontecendo secretamente, as informações factuais empregues como suporte para as narrativas de conspiração são apresentadas de modo a levar o público ao erro ou são inteiramente fabricadas.

Sob tais parâmetros e definições, explicações em si não são consideradas como teorias da conspiração. Por exemplo, o pé-grande ou o chupacabra, fenômenos ou seres estritamente sobrenaturais, assim como alienígenas não são teorias conspiratórias. No entanto, quando são associados a articulações governamentais que escondem evidências do público ou mantêm vínculos sigilosos a fim de interesses próprios e em detrimento da comunidade, a partir de tal momento, estas alegações exemplificadas passam a ser classificadas como teorias da conspiração.

A partir desta definição inicial, é relevante, ainda, apresentar definições de termos como crença conspiratória e pensamento conspiratório. A primeira, crença conspiratória, trata-se da crença pessoal em uma ou em um conjunto particular de teorias da conspiração. Crenças como a de que a mudança climática é uma farsa forjada por uma articulação internacional de governos e cientistas ou que o assassinato do presidente estadunidense John F. Kennedy foi orquestrado pela CIA, por exemplo, são enquadradas como uma crença conspiratória. O pensamento conspiratório, por sua vez, refere-se às predisposições que uma pessoa em específico tem de acreditar em alguma teoria da conspiração.

Às vezes referido como predisposições conspiratórias, ideação conspiracionista, ideologia da conspiração, mentalidade da conspiração, visão de mundo conspiratória ou conspirismo, pensamento conspiratório refere-se a uma visão de mundo ou disposição subjacente, semelhante à ideologia política, no sentido de ver eventos e circunstâncias como o produto de conspirações. Aqueles com altos níveis deste traço latente são mais propensos a acreditar em teorias de conspiração específicas do que pessoas com menor nível [...]. (USCINSKI, 2019, p. 50, tradução nossa<sup>11</sup>)

---

<sup>11</sup>No original: Sometimes referred to as conspiratorial predispositions, conspiracist ideation, conspiracy ideology, conspiracy mindset, conspiratorial worldview, or conspiricism, conspiracy thinking refers to an underlying worldview or disposition, similar to political ideology, toward viewing events and circumstances as the product of conspiracies. Those with high levels of this latent trait are more likely to believe in specific conspiracy theories than people with lower levels [...].

Este último conceito, o pensamento conspiratório, deriva-se de duas vertentes de pesquisa: estudos nas áreas de psicologia e ciência política; e teorias de opinião pública. Ainda que não seja inteiramente determinado quais os fatores causadores para que indivíduos apresentem níveis de pensamento conspiratório, algumas questões são apontadas por pesquisadores. Tais fatores como a socialização política, em especial durante os anos de formação, além de aspectos psicológicos provavelmente desempenham um papel para o desenvolvimento desta tendência particular de crença.

Uma possível explicação para os indivíduos com disposição prévia a acreditar em teorias da conspiração encontra-se na conexão que estas narrativas têm em comum, de certo modo, as teorias se apoiam e complementam entre si (WOOD; DOUGLAS; SUTTON, 2012). É comum que haja relação de suporte entre teorias da conspiração, ainda que contradições também sejam comuns.

Vale ressaltar a maneira que um indivíduo que acredita em uma quantidade significativa de teorias da conspiração enxerga o mundo. De modo natural, este alguém começa a ver pessoas e grupos em posição de poder, como governos e autoridades, enganosas por essência e, assim, novas narrativas conspiratórias acabam por convencer esses indivíduos mais facilmente, uma vez que em sua perspectiva parecem histórias plausíveis, histórias que se encaixam em suas crenças (WOOD; DOUGLAS; SUTTON, 2012).

Sob tal concepção, o mundo seria governado e dominado por agentes conspiradores e teorias da conspiração tornam-se as explicações frequentes para eventos. Por conseguinte, esta ótica restrita leva às crenças a vincularem-se de modo a uma oferecer suporte a outra, formando uma rede de apoio entre teorias da conspiração, conhecida como sistema de crenças monológicas (WOOD; DOUGLAS; SUTTON 2012).

Ainda quando as teorias da conspiração apresentam incoerências entre si, alguns autores sugerem que apenas apresentar uma coerência no aspecto das visões de mundo pode ser necessário para ultrapassar outras contradições entre diferentes conspirações e/ou crenças individuais. Um caso que ilustra esta situação são as fortes correlações encontradas por Adorno, Frenkel Brunswik, Levinson e Sanford relacionadas a estereótipos negativos contraditórios sobre judeus, no qual indivíduos com preconceitos antissemitas intensos viam-se como isolados do resto da sociedade e muito ansiavam para participar dela (WOOD; DOUGLAS; SUTTON, 2012).

Adorno propôs que essa percepção paradoxal tem suas raízes em "uma hostilidade relativamente cega que se reflete na estereotipia, autocontradição e destrutividade" do estereótipo antissemita. Apesar de sua natureza contraditória, ambos os estereótipos extraíram credibilidade suficiente de seu único elemento comum - uma

percepção negativa do povo judeu - para terminar com uma forte associação positiva. O mesmo pode ser verdade para teorias de conspiração contraditórias; A desconfiança dos defensores da conspiração em relação às narrativas oficiais pode ser tão forte que muitas teorias alternativas são simultaneamente endossadas, apesar de quaisquer contradições entre elas. (ADORNO *et al* 1950, p. 76 apud WOOD; DOUGLAS; SUTTON, 2012, p. 768, tradução nossa<sup>12</sup>)

### 3.2 Razões pelas quais teorias da conspiração soam convincentes

Ao fazer a realidade aparentar ser menos caótica, as teorias da conspiração exploram preocupações em relação ao mundo, tais como a concentração de poder financeiro e político, desigualdade, falta de transparência pública, entre outras temáticas abrangentes sobre como o mundo seria estruturado. Deste modo, a realidade, principalmente em um momento de crise, parece ser mais organizada e haver alguma maneira de controlar e solucionar as questões vividas por meio das teorias da conspiração que desvendariam o que estaria supostamente acontecendo de fato.

O aspecto psicológico é relevante na discussão acerca de teorias conspiratórias. O que motivaria, afinal, este tipo de crença? Em primeiro lugar, vale salientar, novamente, que numerosos estudos nas áreas de psicologia e ciência política identificam uma possível tendência a determinados indivíduos acreditarem em teorias da conspiração. Apesar de não haver um consenso sobre como mensurá-la e quais são suas causas, é consenso que todos teriam de modo latente algum grau desta predisposição.

Até 2007, foram escassos os estudos voltados ao tema publicados em revistas de psicologia, sendo assim, até então, não havia pesquisas significativas na área desenvolvidas relacionando teorias da conspiração e suas possíveis predisposições para que indivíduos acreditassem nestas histórias (DOUGLAS *et al.*, 2019). Contudo, desde o período, uma gama considerável de pesquisas, e de rápido crescimento, voltou-se aos possíveis fatores psicológicos que aumentam a probabilidade de alguém acreditar em teorias da conspiração.

A explicação inicial para um indivíduo simpatizar facilmente com teorias da conspiração seria que elas são parte de um sistema de crenças monológicas, isto é, crenças que são interligadas e têm uma relação de apoio mútuo entre si. Esta explicação foi proposta por Goertzel, após uma pesquisa com moradores de Nova Jersey, nos Estados Unidos, acerca de 10 teorias conspiratórias. Como resultado, os dados revelaram que enquanto alguns

---

<sup>12</sup> No original: Adorno proposed that this paradoxical perception has its roots in “a relatively blind hostility which is reflected in the stereotypy, self-contradiction, and destructiveness” of anti-Jewish stereotyping (p. 76). In spite of their contradictory nature, both stereotypes drew enough credibility from their one common element—a negative perception of Jewish people—to end up with a strong positive association. The same may well be true of contradictory conspiracy theories; conspiracy advocates’ distrust of official narratives may be so strong that many alternative theories are simultaneously endorsed in spite of any contradictions between them.

indivíduos acreditavam em várias, outros não acreditavam em nenhuma das teorias. Com a explicação das crenças conspiratórias serem possíveis crenças monológicas, é apontado que grupos de teorias da conspiração tendem a se correlacionar intensamente (DOUGLAS *et al.*, 2019).

Cabe acrescentar que a tendência de um indivíduo que acredita em uma teoria da conspiração acreditar em múltiplas pode ser um indicativo de que a teoria anterior não conseguiu acumular provas ou um apoio positivo, caminho feito com a finalidade de explicar o motivo pelo qual isto aconteceu com a teoria (DOUGLAS *et al.*, 2019).

Ainda que a explicação monológica aparente encaixar-se bem ao porquê algumas pessoas tendem a acreditar em teorias da conspiração, há limitações consideráveis. Em primeiro lugar, não é sempre que as narrativas conspiratórias apoiam-se mutuamente, com frequência há contradições significativas entre teorias conspiratórias. Por exemplo, as comuns teorias relacionadas à princesa Diana alegam que ela foi assassinada ou que forjou a própria morte são contraditórias, todavia a correlação positiva entre estas teorias demonstrou-se não relevante quando foi considerado o nível de concordância sobre algo ser um planejamento secreto que estava sendo encoberto (DOUGLAS *et al.*, 2019).

De tal maneira, uma explicação alternativa e que traria uma solução para esta falha é que as teorias conspiratórias apenas estão correlacionadas mutuamente caso estejam incluídas em um sistema de crenças de ordem superior, este que orientaria as visões de mundo de um indivíduo. À vista disso, autores sugerem que outros fatores psicológicos para as teorias da conspiração podem clarificar melhor as razões que levam a esta tendência e a explicação monológica foi posta em segundo plano.

De acordo com Douglas, Sutton e Cichocka (2017), as pessoas parecem ser atraídas por teorias da conspiração quando - em comparação com as explicações da não conspiração - elas prometem satisfazer importantes motivos psicológicos sociais que podem ser caracterizados como epistêmica (por exemplo, o desejo de compreensão, precisão e certeza subjetiva), existencial (por exemplo, o desejo de controle e segurança) e social (por exemplo, o desejo de manter uma imagem positiva do próprio ou grupo). Observe que as pessoas não precisam necessariamente estar cientes desses motivos. (DOUGLAS *et al.*, 2019, p.7, tradução nossa<sup>13</sup>)

Quando há a tentativa de mostrar evidências que contrariem uma teoria que alguém acredite, essa alternativa, por si só, dificilmente será suficiente para convencer o indivíduo

---

<sup>13</sup> No original: According to Douglas, Sutton, and Cichocka (2017), people appear to be drawn to conspiracy theories when—compared to nonconspiracy explanations—they promise to satisfy important social psychological motives that can be characterized as epistemic (e.g., the desire for understanding, accuracy, and subjective certainty), existential (e.g., the desire for control and security), and social (e.g., the desire to maintain a positive image of the self or group). Note that people do not necessarily need to be conscious of these motives. We review each of these in turn.



que a articulação conspiratória não é real. Essa dificuldade no diálogo com estas pessoas encontra-se na dissonância cognitiva. A situação dissonante ocorre por *ego defense* (defesa de ego, em tradução literal), em momentos em que o indivíduo está exposto a situações ou informações que confrontem suas crenças, a tendência é permanecer em sua crença original a fim de preservar sua auto-estima e ego.

Na circunstância em que o indivíduo está diante de evidências e comprovações que contrariem suas crenças, propende a não apenas continuar com a mesma crença, mas também a convencer-se ainda mais, além de criar caminhos para justificar tal credo e a acusar o outro. Neste ponto, vale ressaltar a polaridade ou dualidade originada pela criação de “eles” contra “nós”. Por definição, as teorias da conspiração são irrefutáveis, como explorado no subcapítulo anterior, e dessa maneira, ao manter sua crença, o indivíduo mantém a certeza de seu valor próprio e do grupo ao qual pertence além de demonstrar o narcisismo inato de teorias da conspiração.

Vale retomar e enfatizar a tendência de não mudar de opinião demonstrada na era da pós-verdade. Esta inclinação a não mudar de crença pode ser justificada por três alicerces de sustentação, nos quais a crença é sempre mantida: diante a evidências (mídia, universidades, ciência e outras instituições que prezam por informações de qualidade e verídicas), não aceitar ou menosprezar outras visões e ainda a dinâmica narcísica.

A dinâmica narcísica, por sua vez, pode ser explicada pela dissonância cognitiva, que se expressa, também, no ataque a instituições e no filtro bolha das redes sociais que mantém os indivíduos majoritariamente em contato com pessoas e ideias semelhantes e concordantes com as suas. Por consequência, uma vez que suas crenças e a dualidade contra o lado “deles” são ainda mais reforçadas no ambiente digital das bolhas, a dissonância cognitiva é intensificada quando estão em contato com informações factuais ou visões de mundo que contrariem suas concepções. Sendo assim, é um ciclo desinformativo que se retroalimenta.

### **3.3 Teorias da conspiração e suas consequências**

As teorias da conspiração não afetam apenas os indivíduos que nelas acreditam, elas têm impactos sociais que tocam e permeiam a vida de muitas pessoas e comunidades. Embora possam gerar consequências positivas, como incentivo a uma maior transparência governamental, possam levar pessoas a ação e incitar organizações populares, as inferências mais significativas das teorias conspiratórias são negativas. No contexto político e pandêmico atual, vale ressaltar os seguintes: influência política, os preconceitos contra determinados

grupos instigados, extremismo que pode ser acompanhado de violência, negacionismo científico e escolhas perigosas relacionadas à saúde. Estes dois últimos, serão explorados no subcapítulo seguinte.

Há pesquisas que sugerem o poder de influência que as teorias da conspiração exercem em atitudes políticas. Geralmente, tal poder é condicionado às predisposições já existentes em cada indivíduo (DOUGLAS *et al.*, 2019). De fato, este aspecto dialoga com as possíveis consequências positivas, no entanto a influência política por meio de teorias da conspiração pode permear as inferências negativas das narrativas conspiratórias, uma vez que podem fazer apologia ao preconceito, extremismo, negacionismo científico e a práticas sem respaldo que supostamente seriam benéficas à saúde.

Para exemplificar, em uma pesquisa sobre a cobertura da mídia durante a eleição presidencial de 2012 nos EUA, a palavra “conspiração” foi incorporada ao texto da pesquisa para metade dos participantes. Por meio disso, foi observado uma relação diretamente proporcional entre quem obteve uma pontuação alta em pensamento de conspiração e os indivíduos que foram influenciados pela palavra adicionada, “conspiração”. De outro modo, a palavra incluída somente demonstrou influência sobre os indivíduos que apresentariam uma predisposição segundo o teste de pensamento conspiratório (DOUGLAS *et al.*, 2019).

Apesar do papel de sugestão, o nível de influência exercido pelas teorias da conspiração parece ser em função de atitudes, ideais e crenças preexistentes de cada indivíduo e, possivelmente, há outros aspectos que também possuem impacto e que ainda precisam ser investigados. A questão a ser sanada é: já que há estímulos para ação, quais os efeitos possíveis de comportamentos nas relações sociais e políticas?

As preocupações relacionadas às ações instigadas por este tipo de narrativa foram alimentadas no episódio, exposto no capítulo anterior, que ficou conhecido como *Pizzagate*, em 2016, na qual oponentes da candidata à presidência estadunidense, Hillary Clinton, engajaram na internet que ela e o partido democrata teriam vínculos com uma rede de tráfico humano e pedofilia. Motivado por tal teoria da conspiração, um homem do estado da Carolina do Norte, em dezembro do mesmo ano, disparou três tiros em uma pizzaria de Washington que supostamente estaria envolvida no esquema secreto. No acontecido, não houve feridos, entretanto, foi um alarde para os efeitos práticos que esse tipo de desinformação, muito compartilhada nas redes sociais, poderia ter.

O atirador, Edgar Maddison Welch, revelou posteriormente ao jornal *The New York Times* que ainda que não tenha encontrado evidência alguma ao longo de sua "investigação" do tráfico de crianças naquele restaurante, para ele, a ideia de que as denúncias que circularam

na internet fossem *fake news*, era inconcebível.

Teorias da conspiração que criam histórias como esta são preocupantes, pois costumam ser utilizadas por grupos que visam instilar pânico e instigar violência. De modo geral, elas escolhem como personagens grupos lidos como diferentes, vistos com estranhamento ou minorias, como teorias antisemitas que alegam que os judeus controlariam secretamente a economia mundial, porém, também é recorrente que sejam voltadas a rivais políticos, como o caso de Clinton naquelas eleições.

Cabe salientar que teorias da conspiração são associadas a atitudes negativas para com determinados grupos, à vista que as crenças conspiratórias podem reforçar ou criar a dualidade “nós” *versus* “eles”. Uma vez que outros passam a serem os vilões e responsáveis por situações e fatos que os atingem de maneira prejudicial, as teorias estimulam a polarização, extremismos, preconceitos e ações violentas. As teorias questionam o que é apresentado como *status quo* dentro daquela narrativa, assim as versões oficiais de eventos e fatos são colocadas em xeque e sob a dicotomia gerada, apresentam o potencial de reforçar as diferenças entre grupos.

### **3.4 Teoria da conspiração, pensamento anti-ciência e saúde coletiva**

Comumente, adeptos de teorias da conspiração são apontados como propagadores anti-ciência, vale sobressaltar a característica principal dessas crenças conspiratórias: sua rejeição da ciência possui um caráter seletivo, com frequência, endossam algumas informações científicas, enquanto recusam e invalidam outras. Tal comportamento seletivo pode ser explicado por suas visões de mundo, apenas aceitando dados científicos que se encaixem em sua narrativa e que prestariam a ela um suposto papel de embasamento, paralelamente rejeitam a ciência que foge a suas concepções e a contrariam em algum grau (USCINSKI, 2019).

Na era da pós-verdade, em um contexto que instituições e figuras que prezam por evidências e fatos, pela verdade, são colocadas em posição de questionamento, frequentemente a ciência e os cientistas têm sua credibilidade posta em questão. Sendo assim, pesquisas, dados e informações científicas como um todo são também vistas como duvidáveis. Exemplos a serem mencionados de conspirações com caráter anti-ciência, são o ativismo antivacina e as teorias que alegam que as mudanças climáticas seriam uma falácia criada por cientistas e difundida pela mídia.

[...] ao transformar este núcleo factual numa teoria de conspiração hiperbólica,

afirmações sobre questões de saúde provenientes da investigação biomédica são assumidas como estando “a serviço da indústria farmacêutica” e rejeitadas a priori, bloqueando qualquer possibilidade de argumentação em contrário. (CAMARGO JR., p. 3, 2020)

A presente tendência ao descrédito ao conhecimento científico é fomentada por fenômenos sociocognitivos, entre os quais o conhecido *backfire effect* (efeito tiro pela culatra, em tradução literal) destaca-se. O *backfire effect* refere-se a situações em que determinado indivíduo acredita em uma concepção errônea e quando tem contato com informações factuais que contradizem tal crença, em vez de tê-la abalada, essa concepção torna-se mais consistente para esta pessoa. Um outro fenômeno que merece destaque é o chamado efeito Dunning-Kruger, ao qual pessoas com menos conhecimentos em algum assunto, leigos naquela temática, consideram-se mais capazes de analisar informações que especialistas na área. De acordo com os autores que descreveram esse segundo fenômeno pela primeira vez, os indivíduos apresentam uma percepção errada da própria capacidade de julgamento, como exemplo membros do movimento antivacina (CAMARGO JR., 2020).

Ainda a respeito da correlação entre ideologia política e teorias da conspiração sobre ciência, narrativas conspiratórias sobre HIV/AIDS, sobre alimentos geneticamente modificados, antivacina e sobre mudanças climáticas sendo utilizadas por vieses políticos exemplificam a associação entre política e discursos conspiratórios anti-ciência (DOUGLAS *et al.*, 2019).

As teorias conspiratórias que abordam a situação climática possivelmente têm influência sobre as intenções ambientais das pessoas. Em pesquisa, uma amostra de estudantes de graduação do Reino Unido foi exposta a teorias da conspiração sobre mudanças climáticas. As narrativas a eles mostradas foram de que as alterações no clima são um boato elaborado por cientistas da área sob a finalidade de obterem financiamento de pesquisa. A segunda amostra foi exposta a argumentos que refutam tais conspirações. O restante dos estudantes, o grupo de controle, não foi apresentado a argumentação alguma. Como resultado, os alunos do primeiro grupo demonstraram intenções menores de adotarem comportamentos favoráveis ao clima que os outros graduandos (DOUGLAS *et al.*, 2019).

O alcance das crenças conspiratórias científicas não é limitado, mais de um terço da população estadunidense acredita que o aquecimento global seja uma farsa. Portanto, o ceticismo climático nos EUA é uma crença predominante. Estas pessoas apresentam uma certa diversidade em suas crenças, uma parte acredita que as mudanças no clima não estão ocorrendo ou que não as ações antrópicas não são as causas para isso, também há a argumentação mais radical em que os cientistas forjam dados para manterem suas verbas para

pesquisas (DOUGLAS *et al.*, 2019).

Para além do público alcançado e cativado por teorias da conspiração anti-ciência, há também o que adeptos de tais teorias são instigados a fazer. Por exemplo, o escândalo que ficou conhecido em 2009 como *climategate*, envolvendo a ação de hackers contra cientistas do clima na Universidade de East Anglia, uma instituição britânica, ilustra as consequências de crenças conspiratórias sobre as mudanças climáticas, ademais os seguidores destas teorias podem fazer para amplificar o descrédito à ciência do clima (DOUGLAS *et al.*, 2019).

Teorias da conspiração anti-ciência podem, também, ser uma questão de saúde coletiva. No decorrer de crises sanitárias, como em momentos de epidemias e surtos de doenças, as autoridades de saúde pública reiteradamente colocam-se em oposição às desinformações e teorias da conspiração, já que podem impactar negativamente o combate às enfermidades, uma vez que apresentam influências nas escolhas de saúde dos indivíduos.

Uma situação que traz luz para os impactos que as histórias de conspiração geram nas escolhas particulares de saúde e saúde coletiva, são as percepções relacionadas à educação sexual, como a utilização de métodos contraceptivos e preservativos. Uma teoria extensivamente acreditada nos Estados Unidos e na África do Sul, defende que o controle de natalidade é uma forma de genocídio dos povos africanos e de afro-americanos. Em estudo, foi concluído que esta crença entre os afro-americanos era associada à recusa de métodos contraceptivos, conseqüentemente a uma menor adesão e utilização dos mesmos. Outra pesquisa, realizada na África do Sul, descobriu que entre as mulheres soropositivas que acreditam em teorias da conspiração o uso de preservativos é 50% inferior (DOUGLAS *et al.*, 2019).

Os discursos negacionistas sobre o HIV alegam, também, que os medicamentos antirretrovirais, utilizados no tratamento de pacientes soropositivos, seriam mais prejudiciais que o próprio vírus. Estas teorias, ainda que refutadas, foram um fator para centenas de milhares de mortes na África Subsaariana.

Em relação à influência de crenças conspiratórias nas ações, entre indivíduos que são adeptos às teorias da conspiração da área da saúde, tais como a de que profissionais da saúde seriam cientes de que aparelhos celulares são cancerígenos, porém não tomam ações impeditivas ao uso por serem proibidos por grandes corporações, demonstram uma maior propensão para confiar em fontes médicas alternativas e a utilizar medicamentos não convencionais (DOUGLAS *et al.*, 2019). Além disso, é observado por médicos que as teorias conspiratórias associadas à desconfiança na mídia e em argumentação de autoridade seriam diretamente ligadas ao comportamento antivacina (DOUGLAS *et al.*, 2019).

A OMS, em 2019, declarou a hesitação vacinal, que significa a relutância ou recusa em vacinar apesar da disponibilidade de doses, como uma das dez maiores ameaças para a saúde global, uma vez que é capaz de ir contra o progresso no combate às doenças evitáveis pela vacina que foi conquistado graças ao avanço na cobertura global de vacinação.

As razões pelas quais as pessoas optam por não vacinar são complexas; um grupo consultivo de vacinas para a OMS identificou complacência, inconveniência no acesso às vacinas e falta de confiança como são as principais razões subjacentes à hesitação. Os profissionais de saúde, especialmente aqueles nas comunidades, continuam a ser os conselheiros e influenciadores mais confiáveis das decisões de vacinação e devem ser apoiados para fornecer informações com credibilidade e confiáveis sobre as vacinas. (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2019, online, tradução nossa<sup>14</sup>)

Surtos de doenças, antes consideradas erradicadas, voltaram a acontecer. O aumento de 30% nos casos de sarampo ao redor do mundo ilustra o problema. Embora nem todos esses casos sejam oriundos da hesitação vacinal, em alguns países, que estavam próximos de eliminar a doença, os casos ressurgiram. Teorias da conspiração que relacionam esterilidade como consequência da vacina de poliomielite fizeram com que casos da doença voltassem a acontecer na Nigéria, Paquistão e Afeganistão.

Ao que se refere ao sarampo, temores infundados sobre a vacina SCR, também conhecida como tríplice viral, a profilaxia contra sarampo, caxumba e rubéola, levou ao aumento do número de mortes causadas pela doença em todo mundo, e muito deve-se à recusa em vacinar a si próprio e aos filhos (DOUGLAS *et al.*, 2019). Tais temores são gerados pela crença de que haveria uma relação entre vacinação infantil e autismo, que supostamente seria mantida em sigilo pela indústria médica (USCINSKI, 2019). Ou seja, uma teoria da conspiração em que a indústria farmacêutica visaria lucrar a partir de uma vacina danosa para crianças.

De fato, parte do movimento antivacina moderno recebeu amparo a partir de um artigo publicado em 1998. Este artigo, publicado na *The Lancet*, uma das mais prestigiadas revistas científicas da área de saúde do mundo, alegava uma relação causal entre a vacina SCR e o autismo e foi de autoria de um grupo coordenado por Andrew Wakefield. A posteriori, o artigo foi retratado e seu autor principal perdeu a licença para atuar como médico no Reino Unido por conta das violações éticas ligadas à suposta pesquisa, contudo, os prejuízos

---

<sup>14</sup> No original: The reasons why people choose not to vaccinate are complex; a vaccines advisory group to WHO identified complacency, inconvenience in accessing vaccines, and lack of confidence are key reasons underlying hesitancy. Health workers, especially those in communities, remain the most trusted advisor and influencer of vaccination decisions, and they must be supported to provide trusted, credible information on vaccines.

acarretados pela publicação já estavam causados. Após, ainda houve diversos estudos epidemiológicos analisando amostras populacionais consideráveis que não identificaram o efeito colateral postulado naquele artigo, porém a crença infundada permanece. Em específico, nesta narrativa conspiratória, cabe salientar o caráter capacitista do preconceito ao autismo (CAMARGO JR., 2020).

A tríplice viral não é exceção entre os imunizantes que constantemente sofrem com descrédito, o mesmo acontece com a vacina contra o HPV. Pais evitam vacinar suas filhas a partir de teorias da conspiração como a de que a vacina tornaria as pessoas “retardadas”, teoria esta defendida, inclusive, por figuras políticas como a Michele Bachmann, ex-congressista dos EUA, que em meio a um debate televisivo alegou que as campanhas de vacinação contra o HPV seriam parte desta conspiração (USCINSKI, 2019). Outra narrativa, para a mesma vacina, alega que o imunizante teria como objetivo reduzir a população mundial, podendo também ser um experimento lucrativo para a indústria farmacêutica (DOUGLAS *et al.*, 2019).

Além das evidências que vinculam o crescimento de doenças imunopreveníveis, acentua-se a perspectiva histórica dos movimentos antivacina. Situações como a famosa caricatura britânica que mostrava pessoas germinando partes bovinas em seus corpos, em crítica à vacina contra a varíola, exemplificam que crenças contrárias às vacinas são tão antigas quanto as mesmas. Todavia o contexto atual difere-se de momentos históricos anteriores, quando a hesitação em se vacinar devia-se à falta de conhecimento sobre as vacinas. A existência dos grupos conhecidos como “antivax”, na segunda década do século XXI, em populações com alto nível educacional, como demonstra a tendência de crescimento observada, é de entendimento complexo (CAMARGO JR., 2020).

[...] a resistência às vacinas têm um componente *antiestablishment*. O ceticismo e mesmo a desconfiança de fontes de informação tradicionais, como a ciência ou a medicina, leva à recusa sistemática de qualquer afirmação de tais fontes. A desconfiança de tudo o que diz respeito à medicina está frequentemente associada à ideia de que apenas os interesses econômicos, muitas vezes velados, são os únicos determinantes das decisões dos especialistas de saúde. Bricker & Justice resumem em três proposições o que Gray chamou, de forma algo inadequada, de “medicina pós-moderna”: hostilidade face a verdades singulares; aversão à objetividade científica; e reduzida confiança na expertise. (CAMARGO JR., 2020, p. 2)

### **3.5 Teoria da conspiração “antivax” e mídias sociais**

As mídias sociais demonstram-se como um ambiente fértil para a veiculação e disseminação de desinformação e assim ocorre, também, com teorias da conspiração, especialmente do ressurgimento do ativismo antivacina. A internet, com auxílio dos filtros

bolha que desfavorece discursos críticos, são ferramentas chave para a veiculação e amplificação dessa narrativa.

Pesquisas analisando a comunicação de teorias conspiratórias sobre vacinas na *web* ilustram os dispositivos comunicativos, linguísticos e persuasivos empregados pelos grupos antivacina nos meios digitais. Em 2015, uma pesquisa com enfoque no conteúdo de dois sites pró-vacinação e dois céticos às vacinas examinou as táticas de comunicação que poderiam tornar a propagação do discurso antivacinação bem-sucedida. Observou-se que os sites com posicionamento cético criavam um ambiente de debate aberto que consideraria dois lados de argumentação, para isso, eram disponibilizados *links* para materiais pró e antivacinação. Ademais, os sites contrários às vacinas contavam com interatividade por meio de espaços de discussão e para a contação de relatos de quem supostamente foi afetado pela vacinação. Quanto aos sites favoráveis a vacinas, a interatividade com os usuários era limitada e os conteúdos eram focados exclusivamente em compartilhar evidências. De tal modo, os sites com discursos antivacina mostraram-se mais eficazes na promoção da narrativa, além de conseguirem criar uma comunidade online. Também é perceptível que as técnicas adotadas pelos sites pró-vacinação pode instigar a visão de teorias da conspiração de que as elites, pessoas e instituições poderosas, são indiferentes a comunidade e têm uma postura ditatorial (DOUGLAS *et al.*, 2019).

Cabe, ainda, expor a relação de causa e efeito entre a hesitação vacinal e a crença em teorias da conspiração, entretanto, não é possível definir a direção desta causalidade. Outra pesquisa, utilizando participantes divididos em três grupos, nos quais uma parte teve contato com teorias conspiratórias antivacina, a segunda com argumentos que refutam essas narrativas e a terceira parte, o grupo de controle, não foi apresentada a informações, obteve como resultado que os participantes do primeiro grupo se demonstravam mais relutantes a vacinação quando comparados com os outros dois (DOUGLAS *et al.*, 2019).

Em primeiro lugar, as vacinas são vítimas do seu próprio sucesso, sendo a erradicação da varíola um exemplo importante. Quando doenças com sequelas graves como a poliomielite deixavam marcas muito visíveis na população, especialmente em crianças, foi exercida pressão popular sobre as autoridades para exigir a vacinação. Com o desaparecimento virtual de várias doenças infecciosas devido às vacinas, o seu benefício tornou-se cada vez mais intangível para a população em geral, retirando uma forte motivação às pessoas em geral para se vacinarem a si próprias, e em particular aos pais para vacinarem os seus filhos. (CAMARGO JR., p. 2, 2020)

Ainda que o ativismo antivacina represente uma parcela minoritária, a visível queda na cobertura vacinal que origina pode ser capaz de reduzi-la ao nível de que a imunidade de



grupo deixe de existir, sendo um grande prejuízo para a saúde pública. Exatamente como aconteceu com o ressurgimento do sarampo, infecção altamente contagiosa que a interrupção da cadeia de transmissão apenas ocorre com uma elevada cobertura vacinal. Vale ressaltar que as teorias da conspiração propagam incompreensões sobre o risco de vacinação, superestimando os mesmos e, paralelamente, subestimam os riscos para população ao não se vacinarem (CAMARGO JR., 2020).

Embora as *fake news* não sejam um fenômeno recente, com os novos meios de comunicação, principalmente propiciadas pela internet, a proporção tornou-se uma novidade. Anteriormente, os discursos contendo esse tipo de crenças tinham alcance limitado, atingiam grupos isolados e dispersos, no entanto as mídias sociais modificaram esse cenário ao possibilitar que grupos com tais características fossem incluídos como participantes ativos da discussão geral. Ainda há as bolhas criadas pela ação dos algoritmos que não permitem a penetração eficaz de argumentos contestadores dentro de ambientes virtuais predominadas por determinada visão, desse modo, tornam-se espaços de reforços positivos, mesmo que sejam conceitos errôneos e infundados, como exemplo, o exponencial crescimento de indivíduos que acreditam na terra plana.

Tais crenças transformam-se facilmente em teorias da conspiração como reação a ameaças existenciais percebidas e uma tentativa de dar sentido a situações complexas e pouco compreendidas, uma defesa contra uma vida cada vez mais incompreensível e tecnologicamente intensiva, um “mundo descontrolado”, tal como expresso por Giddens. (CAMARGO JR., p. 3, 2020)

Vale ressaltar o já mencionado efeito Dunning-Kruger observado, por exemplo, em grupos antivacina nas mídias sociais. Devido a tal efeito, pessoas leigas e com mínimo estudo em áreas como epidemiologia, imunologia e microbiologia têm a percepção de serem mais conhecedoras que especialistas. Estes indivíduos acreditam que “viraram a mesa” e que teriam desvendado as informações escondidas por “eles”, os inimigos. Neste caso, os vilões seriam governos, a indústria farmacêutica (em Inglês, *Big Pharma*), enquanto profissionais da saúde, pesquisadores e leigos que apresentam argumentos favoráveis à vacinação seriam “serviçais” (em Inglês, *shills*) daqueles inimigos. Além destas duas figuras presentes nas teorias, há aqueles que estão cientes das supostas verdades ocultas, os “despertos” (em Inglês, *woke*) e quem não sabe sobre, os chamados “*sheeple*”, termo em Inglês que junta as palavras “ovelhas” (*sheep*) e “pessoas” (*people*) (CAMARGO JR., 2020).

As comunidades online resultantes apresentam um aspecto de câmara de eco, em que os argumentos se tornam algo repetitivos e estereotipados algo tornado evidente pelo comentário visual cômico dos “cartões de bingo antivacina” que há muito circulam na Internet. (CAMARGO JR., p. 3, 2020)

#### **4 FAKE NEWS EM TEMPOS DE PANDEMIA E SUA INTRÍNSECA RELAÇÃO COM TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO NEGACIONISTAS NO BRASIL**

Em março de 2020, quando a pandemia da Covid-19 chegou ao Brasil, Jair Bolsonaro fez um pronunciamento à nação. Em seu discurso, o presidente visou alegar que nada grave estava acontecendo, subestimou a crise sanitária que ocorria ao redor do globo e chamou a doença pandêmica de “gripezinha”<sup>15</sup>. Desse modo, houve uma marca oficial do negacionismo acerca da pandemia causada pelo SARS-CoV-2 no país.

O negacionismo científico atrelado à pandemia não permaneceu como um fenômeno isolado em um discurso inicial. Pelo contrário, foi uma constante nas falas e ações do presidente e de seu governo, além disso, mostrou-se como um posicionamento recorrente entre seus apoiadores que ajudaram a alimentar a disseminação de desinformação sobre o novo coronavírus, especialmente nas redes sociais.

Um caso que ilustra tal situação, que muito repercutiu nas mídias e que ecoou para fora delas trazendo consequências na vida cotidiana, foi a *fake news* de que os termômetros digitais com sensor infravermelho, popularizados em estabelecimentos comerciais logo no início da pandemia para aferir a temperatura corporal pela testa, e sem a necessidade de contato físico, trariam riscos à saúde. As narrativas mais compartilhadas alegam que o termômetro teria o poder de causar danos na glândula pineal<sup>16</sup>, localizada no centro do cérebro.

A *fake news* viral foi desmentida por especialistas e alvo de agências de checagem, foi esclarecido que a luz emitida pelo termômetro não consegue penetrar a pele, apenas atinge a superfície dela para a medição e que a testa é o local ideal, já que as extremidades do corpo apresentam temperaturas mais baixas. Ainda assim, a desinformação divulgada nas mensagens falsas, que aconselhavam as pessoas a recusarem a medir a temperatura no local correto e pedir que apontassem o termômetro para o braço, surtiu efeito. Meses depois, o modo de aferição mais visto tem sido pelo pulso.

O boato sobre o termômetro é apenas um dos casos de desinformação compartilhada massivamente nas redes sociais nesta crise de saúde coletiva. Juntamente com posições negacionistas do governo, as *fake news* são parte significativa da pandemia no Brasil. Ambos

---

<sup>15</sup> No discurso presidencial, em 24 de março de 2020, Jair Bolsonaro disse: "Pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria acometido, quando muito, de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico, daquela conhecida televisão".

<sup>16</sup> Também chamada de epífise, a glândula faz parte do sistema endócrino e é responsável pela produção de hormônios.

são demonstrações da mesma linha de visão de mundo e podem ser apontados como fatores que contribuíram para os elevados números de mortes e casos no país.

Em outras palavras, o fato do Brasil ser um dos países com mais casos e mortes por Covid-19 no mundo pode ser atribuído ao governo que subestimou a pandemia e ao grande volume de desinformação propagada nas redes sociais. Cabe, ainda, ressaltar que dentre os diversos conteúdos desinformativos compartilhados nas mídias online, o WhatsApp é muito utilizado e é associado ao viés político de apoio ao Bolsonaro perante a crise (SOARES *et al.*, 2020).

[...] a desinformação sobre a Covid-19 no Brasil estava ligada ao discurso político dentro do país. A desinformação parece estar ligada ao partidário e, particularmente, a Bolsonaro. Isso implica que o apoio a certas figuras políticas pode ser um forte motivador para a circulação da desinformação. (SOARES *et al.*, 2020, p.3, tradução nossa<sup>17</sup>)

Sob esse cenário, repleto de problemas na saúde pública e políticos, a Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia (a CPI da COVID-19) foi instalada. A CPI foi montada em torno da investigação das supostas omissões e irregularidades nas ações do governo federal, e da figura do presidente Jair Bolsonaro no decorrer da pandemia do novo coronavírus no Brasil. Ao todo foram cinco meses de investigação, instalada no Senado Federal em 27 de abril de 2021, e com uma prorrogação de três meses, em 20 de outubro de 2021, Renan Calheiros (relator da comissão) entregou o relatório da CPI.

No documento, utilizado como referência no presente capítulo, é discutido sobre temáticas como as atitudes omissas do governo na pandemia, a desinformação propagada nos discursos favoráveis ao tratamento precoce e a relação governamental com as vacinas. Com o relatório, 65 pessoas, como o presidente Bolsonaro e o ex-ministro da saúde Eduardo Pazuello, e duas empresas foram indiciadas.

De tal modo, a pandemia no Brasil não é somente uma crise sanitária, ela enfatizou ainda mais o problema da desinformação no país e, dessa maneira, a extrema-direita tornou a Covid-19 um problema político tanto quanto de saúde coletiva (SOARES *et al.*, 2020).

No relatório, foi observado a distribuição de campanhas pelas mídias sociais contendo conteúdos contraditórios às evidências científicas, dessa forma, confundindo a população em relação aos dados técnicos e científicos. As consequências para a saúde da população foram enumeradas: o agravamento de saúde para as pessoas, o rápido aumento da contaminação pelo

---

<sup>17</sup> No original: [...] disinformation about Covid-19 in Brazil was connected to political discourse within the country. Disinformation seems to have been connected to partisanship and, particularly, to Bolsonaro. This implies that the support for certain political figures may be a strong motivator for circulating disinformation.

vírus e o elevado índice de ocupação dos leitos hospitalares.

Do ponto de vista da comunicação na pandemia, a CPI apresentou no relatório que apurou que os órgãos públicos de comunicação não se posicionavam a combater o cenário caótico presente na comunicação oficial e extra-oficial. Para além de atitude omissiva, a investigação da Comissão concluiu que a própria cúpula do governo de Jair Bolsonaro atuou na disseminação de *fake news* nas redes sociais. Foi apurado a existência de uma rede de produção e disseminação de conteúdos de desinformação, principalmente para a divulgação das ideias defendidas pelo presidente.

Ainda relacionado ao mesmo aspecto, a comunicação, o documento evidenciou os seguintes pontos:

[...] (i) a omissão do governo federal na conscientização da população acerca da pandemia; (ii) a participação efetiva do presidente da República, seus filhos e o primeiro escalão do governo na criação e disseminação das informações falsas; (iii) o uso da estrutura governamental para promover essas declarações do presidente; (iv) suporte a comunicadores que propagam notícias e informações falsas sobre covid-19. (SENADO FEDERAL, 2021, p. 664)

Dessa maneira, a Comissão concluiu que os parlamentares citados no relatório fizeram parte da articulação comandada por Jair Bolsonaro de produção de disseminação de desinformação. Sendo assim, foi atribuído ao presidente da República e aos demais mencionados responsabilidade em relação às consequências da propagação, de modo massivo, de *fake news* sobre a pandemia de covid-19 no Brasil.

O contexto torna-se ainda mais alarmante quando é posto em vista as *fake news* divulgadas por parlamentares brasileiros. O alcance é tamanho que encabeçam a propagação de conteúdo desinformativo sobre a pandemia. Como exemplo desta situação, o relatório mencionou uma matéria publicada em 17 de dezembro de 2020 pelo portal Congresso em Foco que apontou os Deputados Osmar Terra e Eduardo Bolsonaro, filho do presidente, como líderes do movimento de desinformação sobre covid-19 no Twitter.

Entre as notícias falsas com maior disseminação na pandemia, enumeradas pela CPI, as que ocupam a primeira posição são relacionadas à origem do vírus. Esses conteúdos infundados são xenofóbicos, encorajam que apoiadores ataquem a China e seu povo e podem ser considerados teorias da conspiração, uma vez que apontam o vírus como uma criação proposital chinesa com o intuito de obter vantagens econômicas e desestabilizar outras nações.

Neste ponto, vale retomar a ideia de criação de um “nós” *versus* “eles” e, neste caso, a China e os meios de comunicação ocupariam a segunda posição. A criação de tal dualidade

foi essencial para evitar a solidariedade que muito foi vista na pandemia em que foi reconhecida a ameaça, porém a solução de como lidar foi vista na coletividade, um “nós” global. O que pode ser visto na estratégia bolsonarista é que a ideia de lidar coletivamente com a situação de emergência foi transformada no “nós” *versus* “eles”, no qual o inimigo inventa o vírus e o medo e, portanto, deve ser atacado.

“Se há um combate, se há uma guerra, eu quero morrer de pé. Olhando no olho do meu inimigo” (s. n., 2020). Assim, o cenário da pandemia de covid-19 é explicado em vídeo compartilhado por Bolsonaro pelo Twitter em março de 2020, como uma guerra. No mesmo vídeo, o narrador conta que está assistindo a uma entrevista de Trump no momento que grava o áudio e que está fazendo isso antes que a imprensa compartilhe informações deturpadas com viés político. Ele diz que Trump irá “abrir o país”, “mudar o paradigma” e “fazer todo mundo voltar” ao trabalho para evitar o que detalha como “a cura vai ser muito mais danosa que a própria *disease*, a doença”. Além do discurso voltado à defesa da economia, o áudio também faz apologia ao uso de medicamentos que naquele momento ainda não tinham eficácia comprovada contra o vírus.<sup>18</sup> Ou seja, o conteúdo é um compilado de muitos aspectos do discurso conspiratório defendido e propagado por Bolsonaro em toda pandemia.

A incitação ao contágio [pelo governo federal] tem como principais pilares a disseminação da falsa crença de que existe um tratamento precoce para a doença e o constante estímulo ao desrespeito massivo de medidas sanitárias básicas como o distanciamento físico e o uso de máscaras, agravadas pela também recorrente banalização do sofrimento e da morte, além da desqualificação dos indivíduos que, com razão, temem a doença. (VENTURA *et al.*, 2021, p.27)

#### **4.1 Políticas Públicas na pandemia, *fake news* e teoria da conspiração**

O presidente Jair Bolsonaro mantém uma postura constante sobre ser contra a medida sanitária de obrigatoriedade do uso de máscaras. Além de diversas aparições públicas em que dispensou o uso, Bolsonaro discursa contrariamente. Em mais um desses momentos, 10 de junho de 2021, disse que o Ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, iria desobrigar que indivíduos vacinados ou que já foram infectados pelo vírus utilizassem máscaras. Outra situação que ilustra a perseguição de Jair ao uso de máscaras aconteceu em 24 de junho de 2021, durante uma visita ao Rio Grande do Norte em que sem máscara, pegou uma criança, em seguida retirou a máscara da mesma, em meio a uma multidão, com a simples finalidade de tirar uma fotografia.

Pelas provas colhidas, foi possível concluir que o Presidente da República

<sup>18</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=jPYkvK\\_ftg&ab\\_channel=Poder360](https://www.youtube.com/watch?v=jPYkvK_ftg&ab_channel=Poder360). Acesso em: 02 de fevereiro de 2022.

assessorado pelo gabinete paralelo defendia o atingimento da imunidade de rebanho por meio da contaminação coletiva pelo vírus. A estratégia era favorecer a propagação do novo coronavírus, contrapondo-se à adoção de medidas não farmacológicas que contribuíssem para evitar a contaminação, sobretudo o distanciamento social e o uso de máscaras.

Dessa forma, o governo federal, de maneira reiterada, estimulou a população brasileira a seguir normalmente com suas vidas, sem tomar as cautelas necessárias. Para defender esse ponto de vista, invocava a proteção e a preservação da economia e incentivava a manutenção das atividades comerciais. Foram feitas campanhas publicitárias com foco na economia e até mesmo em detrimento da saúde. (SENADO FEDERAL, 2021, p.46)

O discurso do presidente alimentava uma narrativa de que as medidas apontadas por especialistas para evitar a propagação e contágio pelo vírus seriam desnecessárias e que apenas prejudicariam a economia do país. Contrariando as políticas públicas adotadas em base a tais medidas, Bolsonaro desincentivou o distanciamento social, medidas como isolamento social e *lockdowns*, o uso de máscaras e atacou as vacinas contra a covid-19. Dessa forma, o discurso de Jair encorajava que a população vivesse como em tempos anteriores à pandemia, sem a adoção de qualquer cuidado para a preservação da saúde das pessoas ou preocupação com a propagação da doença e suas consequências.

Em uma situação emergencial de crise sanitária e com tal discurso, Bolsonaro visou inviabilizar a construção de um ideal de solidariedade por meio da criação de um outro “nós” *versus* “eles”, o que pode ser visto nessas críticas às políticas públicas de enfrentamento à pandemia. Nesta situação, o “nós” seria o lugar de quem pode trabalhar, do grupo economicamente ativo e saudável que teria o dever de permanecer trabalhando para assegurar a economia e, ainda, deveria proteger aqueles que seriam “eles”. Por sua vez, “eles” seria o grupo que precisa de cuidados, como os idosos que são o alvo do isolamento vertical defendido pelo presidente e apoiadores.

Desse modo, Bolsonaro alimentou a ideia de guerra, em que alguns têm que morrer em nome de algo maior. Ele também aumentou o risco das intervenções, como das máscaras, vacinas e do isolamento horizontal, e diminuiu os riscos do vírus para reduzir o medo daqueles que precisariam se expôr ao vírus e adoecer em prol de ajudar a nação economicamente e para criar a imunidade de rebanho por contágio.

**Banalização das mortes e das sequelas causadas pela doença**, omitindo-se em relação à proteção de familiares de vítimas e de sobreviventes, e propalando a ideia de que faleceriam apenas pessoas idosas ou com comorbidades, ou pessoas que não tivessem acesso ao “tratamento precoce”, inclusive com recurso, pelo Presidente da República, a expressões chulas como “bundão” ou “maricas”. (VENTURA *et al.*, p.18, 2021, grifo do autor)

#### 4.1.1 A defesa da imunidade de rebanho

Essas posturas, contrárias às políticas públicas adotadas para conter a pandemia, alinham-se com a imunidade de rebanho, estratégia defendida publicamente, e repetidas vezes, pelo Chefe do Executivo Nacional e integrantes do chamado gabinete do ódio ou gabinete paralelo, além de apoiadores do governo.

Visando o interesse de que uma grande porcentagem da população fosse infectada para atingir a imunidade de rebanho, o presidente encorajou à população a exposição ao vírus sem proteção para que, dessa maneira, os brasileiros pudessem ser infectados mais facilmente (SENADO FEDERAL, 2021).

No Brasil, o principal exemplo da defesa dessa estratégia, que contraria às indicações de infectologistas e especialistas em saúde pública, foram as situações vivenciadas pelo estado do Amazonas. Cabe salientar a orientação política do governador do estado, Wilson Lima, que é alinhado com Jair Bolsonaro e com suas posições em relação à pandemia e às políticas públicas recomendadas por especialistas. Além disso, o colapso sanitário que a unidade federativa passou fez parte das investigações da CPI e há um capítulo no relatório dedicado a detalhá-lo.

Vale iniciar mencionando o primeiro episódio, em abril de 2020, no mês seguinte ao primeiro caso de covid-19 registrado no Brasil e ainda na primeira onda, a capital amazonense vivenciou seu primeiro colapso no sistema de saúde e funerário durante a pandemia. Na época, Manaus ultrapassou a marca de 90% dos leitos hospitalares ocupados com casos da doença e registrou 2.435 óbitos, número três vezes maior que o registrado em 2019 no mesmo período, quando foram 871 mortes.

O mês de janeiro de 2021 foi marcado pela crise de oxigênio. A partir de dezembro de 2020 a cidade registrou um aumento progressivo nos números de casos de covid-19, acarretando um colapso no sistema de saúde quando os estoques de oxigênio disponíveis não foram suficientes para atender a alta demanda, uma vez que o insumo é imprescindível para tratar casos graves da doença. A trágica situação que afligiu Manaus pela falta de disponibilidade de oxigênio nos hospitais ampliou-se para o interior do estado. O estado dependeu de doações humanitárias do insumo para que não vivenciassem um quadro ainda mais crítico. Ainda em janeiro, foi identificada no Japão uma variante brasileira do Sars-Cov-2, a P1, com origem no Amazonas.

A respeito desse contexto, o vice-governador do Amazonas, Carlos Almeida Filho, aponta a responsabilidade do caos ocorrido no estado ao alinhamento ideológico entre Wilson

Lima, o governador, e Bolsonaro. Em entrevista à coluna Paineis, da Folha, o vice-governador afirmou que as estratégias adotadas por Lima visavam a imunidade de rebanho. Segundo Almeida Filho, a política pública adotada pelo governador possibilitou que Manaus gerasse a cepa P1 da covid-19<sup>19</sup>.

Cabe ressaltar que após a grave crise sanitária vivida em Manaus, o governo e apoiadores mantiveram sua posição, assim, a imunidade de rebanho foi uma pauta recorrente em noticiários brasileiros devido aos discursos repetidos pelo Governo Federal em sua defesa. Em uma *live* realizada no dia 17 de junho de 2021, Jair Bolsonaro fez alusão à tal estratégia afirmando que para imunizar-se contra à Covid-19, contrair o vírus seria mais eficaz que vacinar-se<sup>20</sup>.

A fim de detalhar a aproximação da fala do presidente com a imunidade de rebanho, vale retornar a sua tese. A ideia defendida é que seria possível superar a pandemia após um alto número de contágios que, supostamente, deixaria esta grande porcentagem da população infectada imune ao vírus. No entanto, como já explicitado, segundo especialistas, não é uma estratégia eficiente para lidar com a covid-19, uma vez que acarretaria muitos óbitos e há reinfecções pela doença.

Ainda nesta mesma linha de argumentação, em outubro de 2021, apoiadores do governo repercutiram nas redes sociais um vídeo do senador estadunidense Rand Paul, do Partido Republicano, que defende o mesmo posicionamento apresentado por Bolsonaro no exemplo anterior. Utilizando um artigo *pré-print* (material ainda não revisado por pares) como embasamento para sua opinião, o republicano distorce dados da pesquisa com a finalidade de levar à conclusão de que indivíduos que foram infectados pelo Sars-Cov-2 teriam uma maior imunidade que aqueles que foram vacinados.

Estes dois últimos exemplos compilam em um conteúdo desinformativo duas ideias anti-ciência: a defesa da imunidade de rebanho e o ataque às vacinas, este por meio de questionamentos acerca de sua eficácia e pelo desincentivo à vacinação. De um modo geral, este discurso recorre a um comum argumento antivacina: a alegação de que a melhor maneira

---

<sup>19</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/paineis/2021/05/vice-do-amazonas-diz-que-politica-de-imunidade-de-rebanho-apoiada-por-bolsonaro-levou-manaus-ao-colapso.shtml>. Acesso em: 16 de novembro de 2021.

<sup>20</sup> Na íntegra, a fala de Bolsonaro na transmissão online: "Eu já me considero — eu não me considero não, eu estou — vacinado, entre aspas. Todos que contraíram o vírus estão vacinados, até de forma mais eficaz que a própria vacina porque você pegou o vírus para valer. Então, quem contraiu o vírus, não se discute, esse está imunizado"



de imunização seria por vias naturais, isto é, por meio da infecção.

A defesa da imunidade de rebanho para a covid-19 incita, sobretudo, falsos dilemas. Sob um contexto em que ainda não havia vacinas para o novo coronavírus, era uma alegação de que seria necessário, por exemplo, a reabertura total do comércio e a volta às aulas presenciais para expor porcentagem suficiente da população ao vírus e, assim, atingir o almejado conceito da imunidade de rebanho e, também, não prejudicar a economia. Esses supostos dilemas fornecem suporte à toda narrativa conspiratória que o circunda, uma vez que a imunidade de rebanho representaria a “melhor” alternativa por possibilitar que a economia seguisse sem maiores prejuízos e, ainda, levaria a um estado em que a doença estaria praticamente erradicada na população, porém essa estratégia seria, em suposição, refutada exclusivamente pelo interesse de abalar o governo e lesar o Brasil.

#### **4.1.2 Críticas ao isolamento e distanciamento social**

Dentre as temáticas de desinformação relacionadas à covid-19, indicadas pela CPI, críticas ao isolamento social aparecem em segundo lugar. No discurso propagado nestas contestações infundadas, há a predominância de argumentação falha da eficácia desta medida recomendada ao enfrentamento à pandemia. Como consequência, segundo o relatório, parte da população começou a desconfiar do isolamento social, não compreendia a importância da ação e refutava a mesma (SENADO FEDERAL, 2021).

As *fake news* criticando o isolamento social também podem ser vistas como teoria da conspiração, uma vez que a medida de proteção seria forjada com a intenção de trazer malefícios ao governo ao desestabilizar a economia no país, pois forçaria a população a ficar em casa e conseqüentemente deixar de trabalhar. Além disso, supostamente, seria uma maneira de controlar as pessoas por meio do temor ao vírus.

Uma declaração que ilustra esses discursos críticos à medida é um trecho de uma entrevista do Ministro da Cidadania Onyx Lorenzoni a Jovem Pan, em 25 de março de 2021, na qual pergunta, retoricamente, se seria possível fazer *lockdown* de insetos e completa afirmando que eles transportam o vírus. Apesar de ser médico veterinário, um profissional da saúde, a informação da declaração do ministro não tem qualquer respaldo científico.

A fim de deslegitimar o isolamento social ao longo da pandemia, diversos conteúdos desinformativos circularam nas redes sociais. Os conteúdos dessas *fake news* apresentam uma certa diversidade, entre as desinformações desse tema verificadas há a tentativa de utilização de argumento de autoridade ao apresentarem afirmações supostamente extraídas de pesquisas

que comprovariam a ineficácia dessa política pública ou alegações que apontem para supostos riscos da medida.

Em apuração da Fato ou Fake, do portal G1, em abril de 2020 foi compartilhado nas mídias sociais que um estudo realizado na Universidade de Harvard indicaria que o distanciamento social poderia ter efeito rebote e agravar a pandemia em vez de contê-la. Entretanto, dois estudos publicados naquela mesma época por um grupo de pesquisadores de Harvard concluíram que era preciso o isolamento para reduzir a transmissão do Sars-CoV-2, o oposto do que é afirmado na *fake news*<sup>21</sup>.

Outro exemplo desse suposto argumento de autoridade, presente em checagem realizada em 19 de agosto de 2020 também pela Fato ou Fake, foi uma mensagem que dizia que um estudo realizado por um neurocientista britânico apontou que 80% da população seria imune à covid-19 e que, desse modo, o isolamento seria desnecessário para passar pela pandemia. A desinformação alegava, ainda, que a política pública que determinou o fechamento de serviços não essenciais seria fundamentada em “ciência falha” e que traria consequências prejudiciais à sociedade que perdurariam décadas. O conteúdo desinformativo foi compartilhado, inclusive, por Jair Bolsonaro<sup>22</sup>.

Um caso que ilustra as *fake news* que visavam deslegitimar o isolamento social por meio da apresentação de riscos alegava que o isolamento levava aos infectados pela covid-19 a respirarem o próprio vírus, causando, assim, uma “autocontaminação” por aumentar a carga viral desses indivíduos. Esta desinformação induzia as pessoas doentes a deixarem de praticar o isolamento social e ter contato com outros, remetendo, também, à imunidade de rebanho.<sup>23</sup>

#### 4.1.3 Críticas ao uso de máscaras

Salientam-se, também, os conteúdos que visavam refutar a importância do uso de máscaras para evitar a propagação da covid-19. Algumas dessas narrativas não alegam apenas a suposta falta de eficácia da utilização das máscaras, elas afirmam haver efeitos nocivos à

---

<sup>21</sup>Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2020/04/16/e-fake-que-estudo-realizado-em-harvard-indica-que-isolamento-social-nao-e-bom-para-conter-o-avanco-do-novo-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 16 de novembro de 2021.

<sup>22</sup>Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2020/08/19/e-fake-que-neurocientista-britanico-concluiu-que-maioria-da-populacao-e-imune-ao-coronavirus-e-que-distanciamento-social-e-inutil.ghtml>. Acesso em: 16 de novembro de 2021.

<sup>23</sup>Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2020/07/16/e-fake-que-isolamento-social-faca-contaminados-respirarem-o-proprio-virus-e-assim-aumentam-carga-viral.ghtml>. Acesso em: 16 de novembro de 2021.

saúde. Ainda dentro das *fake news* sobre máscaras, há o discurso que politiza o uso do EPI (equipamento de proteção individual) nos quais o uso de máscaras é visto como uma medida de controle social (SENADO FEDERAL, 2021).

A título de ilustração, descrevemos o ocorrido em evento promovido, em 3 de setembro de 2020, sob a denominação de VI Seminário Virtual – A conjuntura internacional no pós-coronavírus. O evento contou com a participação do presidente da entidade e de convidados, como o servidor público Carlos Adriano Ferraz e o Sr. Paulo de Oliveira Enéas, editor do portal Crítica Nacional. O Sr. Carlos Ferraz, na época lotado na Secretaria Nacional da Juventude do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, afirmou nesse seminário virtual que **‘a máscara, não só ela é inócua no combate à pandemia, mas ela também é nociva, causa problemas de saúde’**. Já o Sr. Paulo Eneas declarou no mesmo evento que não há base científica para uso de máscaras, e as pessoas, ao utilizarem máscaras, não se protegem de nada, porque ‘elas têm eficácia zero’. Disse ainda que **‘no Brasil, infelizmente, se veem pessoas nas ruas usando máscaras’ e que as motivações para aplicação da quarentena são ‘políticas’**. (SENADO FEDERAL, 2021, p. 681 grifo nosso)

Em 17 de junho de 2021, a Agência Lupa verificou um vídeo que circulava em grupos de WhatsApp em que eram alegados malefícios do uso de máscaras. A gravação trata-se de uma mulher que, em tentativa de respaldar a informação, cita uma neurologista alemã chamada Margareta Griesz-Brisson que teria afirmado que a Covid-19 é uma “gripe moderada” e que é inútil a utilização de máscaras como proteção. Para além, o vídeo narra que ao usar a proteção, haveria deficiência de oxigênio e uma elevada ingestão de gás carbônico, podendo, desse modo, provocar a morte de células nervosas que conseqüentemente levaria a doenças neurodegenerativas. Sendo assim, quando as pessoas “pudessem respirar”, seria tarde devido às supostas conseqüências nocivas. O conteúdo recebeu a etiqueta “falso” pela agência de checagem, utilizada para informações comprovadamente incorretas<sup>24</sup>.

“Anvisa admite não haver evidências de eficácia de máscaras”, esse é o título de uma publicação do site Brasil sem Medo, que se auto descreve como “o maior jornal conservador do Brasil” e conta com o bolsonarista autointitulado filósofo Olavo de Carvalho em sua equipe. O *link* do texto foi compartilhado no Twitter, onde obteve grande engajamento com comentários em acordo à desinformação. O conteúdo foi verificado pelo Projeto Comprova<sup>25</sup> em 30 de julho de 2021 e classificado como enganoso por deturpar o que de fato a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) declarou. Além da afirmação de que a Anvisa assumiu a ineficácia do uso de máscaras para a proteção contra a covid-19, o texto diz que a

<sup>24</sup>Disponível

em:

<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2021/06/17/verificamos-mascaras-cerebro-oxigenio-doencas-neurodegenerativas/>. Acesso em: 19 de novembro de 2021.

<sup>25</sup>Coalizão de 24 veículos de comunicação que se dedica a verificar e desmentir boatos sobre a pandemia de covid-19 que circulam nas mídias digitais.

recomendação da agência se embasa apenas na OMS, desconsiderando a ciência<sup>26</sup>.

O ofício que foi utilizado como “fonte” para esse conteúdo desinformativo diz que não existem evidências robustas sobre a eficácia do uso de máscaras de tecido para prevenir a transmissão da covid-19, no entanto, baseada no princípio da precaução e alinhada com as orientações da OMS, foi mantida a recomendação do uso do equipamento de proteção. Ou seja, o conteúdo checado ignora que o ofício se refere exclusivamente às máscaras de tecido e que não é afirmado que elas sejam ineficazes, não dando ênfase ao material e direcionando os leitores a interpretarem que nenhuma máscara protegeria contra a doença.

Com o objetivo de promover a não utilização de máscaras, há *fake news* que apelam para outros fatores para complementar a narrativa conspiratória acerca da peça, como por exemplo, a existência de vermes em máscaras provenientes da China. Em junho de 2021, circulou pelas mídias sociais um vídeo que demonstrava um suposto experimento em que as máscaras cirúrgicas produzidas na China eram colocadas acima de um recipiente com água fervente. Deste modo, filamentos do tecido, feito em fibra sintética, movem-se com o vapor da água quente e, segundo o conteúdo, tais filamentos seriam os parasitas que poderiam ser ingeridos por aqueles que fizessem uso das máscaras. Essa desinformação em específico foi verificada pelo Aos Fatos, em 25 de junho de 2021, e recebeu o selo “falso”<sup>27</sup>. Além disso, foi checado que esse vídeo já havia circulado em outros países com esse mesmo discurso desinformativo e foi checado por AFP, Maldita, Polígrafo e Myth Detector.

#### 4.1.4 O discurso antivacina

Em meio ao ataque às políticas públicas que visam enfrentar a pandemia há, ainda, o discurso antivacina. A característica que mais sobressaiu nos conteúdos voltados a essa linha conspiratória no decorrer da pandemia foi a disseminação de informações falsas sobre os riscos e eficácia dos imunizantes. A propaganda antivacina foi publicamente feita até por Jair Bolsonaro. Em diversos momentos, ele atacou, principalmente, a Coronavac (vacina produzida pela empresa chinesa Sinovac) alegando que o imunizante não seria seguro por sua origem.

O Presidente da República realizou uma coletânea de afirmações contrárias às

---

<sup>26</sup>Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/site-engana-ao-afirmar-que-anvisa-confessou-ineficacia-de-mascaras-contr-a-covid-19/>. Acesso em: 19 de novembro de 2021.

<sup>27</sup>Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/video-nao-mostra-vermes-dentro-de-mascaras-cirurgicas-vindas-da-china/>. Acesso em: 19 de novembro de 2021.

profilaxias desenvolvidas para combater o Sars-Cov-2. No último bimestre de 2020, quando as notícias relacionadas aos avanços nas pesquisas de vacinas dominavam a imprensa, Bolsonaro proferiu, por exemplo, as seguintes falas mencionadas no relatório da CPI:

[...] em 26 de outubro passado, que seria “mais barato ou mais fácil investir na cura do que na vacina”. Duas semanas depois, escreveu nas redes sociais que essa vacina causava “morte, invalidez, anomalia”. Disse ainda, em 26 de novembro de 2020, que não tomaria a vacina, acrescentando que as pessoas que também não tomassem, ainda que a vacina fosse eficaz, duradoura e confiável, estariam “fazendo mal para si mesmas”, desconsiderando os efeitos coletivos produzidos pelo uso do imunizante. (SENADO FEDERAL, 2021, p. 682)

Em relação aos possíveis impactos dos ataques às vacinas feitos pelo presidente, no período compreendido entre a primeira quinzena de agosto e dezembro de 2020, o percentual de brasileiros que afirmaram intenção em se vacinar contra a Covid-19 caiu de 89% para 73%, segundo pesquisa publicada pelo Datafolha em 14 de dezembro de 2020<sup>28</sup>. No que se refere aos brasileiros que não pretendiam se vacinar, nesse mesmo período, houve um aumento de 8% para 23%. Para além, a pesquisa apontou que os apoiadores do governo de Jair Bolsonaro fazem parte de um dos grupos que apresentam uma resistência mais alta à vacinação, com 30%, o dobro do percentual da população em geral. Essa relação entre os percentuais e a pesquisa como um todo foi citada no relatório da CPI como uma das consequências do discurso de Bolsonaro.

Em uma pesquisa seguinte de opinião pública, realizada pelo Datafolha, foi constatado que esse posicionamento entre os apoiadores do presidente foi mantido. Na pesquisa, publicada em 21 de março de 2021<sup>29</sup>, a porcentagem daqueles que não pretendem se vacinar contra a Covid-19 é mais alta entre os que estão satisfeitos com o governo Federal, entre os que confiam nas falas de Bolsonaro e entre os que aprovam o desempenho do governo Bolsonaro perante a pandemia. Os índices são, respectivamente, 16%, 18% e 21% nessas parcelas da população.

A resistência e o medo da população em tomar vacina, motivada por esse discurso abominável, certamente causou a perda de inumeráveis e valiosas vidas durante a pandemia. Como afirmou a Sra. Jurema Werneck, diretora executiva da Anistia Internacional Brasil, que foi ouvida por esta Comissão em 24 de junho, o Brasil teve, pelo menos, 305 mil mortes em excesso, das quais 120 mil poderiam ter sido

---

<sup>28</sup>Disponível

em:

<https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2020/12/1989184-disposicao-para-se-vacinar-contra-covid-19-cai-de-89-para-73-entre-brasileiros.shtml>. Acesso em: 11 de novembro de 2021.

<sup>29</sup>Disponível

em:

<https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2021/03/1989234-cresce-intencao-de-se-vacinar-contra-covid-19.shtml>. Acesso em: 11 de novembro de 2021.

evitadas. Já o Sr. Pedro Hallal, epidemiologista e ex-reitor da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), que prestou depoimento a esta Comissão na mesma data, declarou que mais de 400 mil vidas poderiam ter sido salvas no País, apenas tomando medidas sanitárias que o colocassem em linha com a média mundial. (SENADO FEDERAL, 2021, p. 683)

Em outubro de 2021, mais uma fala de Jair Bolsonaro sobre as vacinas repercutiu por conter informações falsas. Em transmissão ao vivo realizada em 21 de outubro de 2021, o presidente disse que relatórios oficiais do Reino Unido sugeriram que pessoas totalmente vacinadas desenvolveriam mais rapidamente a Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS). Após o compartilhamento da falsa relação entre vacinas contra a covid-19 e a AIDS, a *live* foi retirada do ar no Facebook, Instagram e YouTube, além de ter sido sinalizada no Twitter por violar as regras da rede. A atual Meta, responsável pelo Facebook e Instagram, afirmou que as políticas da empresa não permitem alegações sobre morte ou danos graves devido às vacinas de Covid-19 e pela primeira vez removeu uma *live* do presidente, enquanto o YouTube alegou que o vídeo violou as diretrizes contra desinformação médica sobre a Covid-19.

Para um parâmetro acerca das desinformações sobre a vacinação que circulam no decorrer da pandemia, entre os 95 conteúdos e alegações apuradas pelo Instituto Butantan e disponibilizados no Tira Dúvida Butantan<sup>30</sup>, espaço dedicado ao esclarecimento de informações relacionadas ao Sars-Cov-2, 79 estão relacionados às vacinas. No portal, é possível observar a diversidade presente nos discursos contrários à vacinação, que partem de alegações habituais utilizadas há décadas pelo movimento antivacina, como a falsa relação entre vacinas e autismo, até as *fake news* mais específicas, ou adaptadas, às vacinas contra o novo coronavírus, como a alegação de que a proteína spike contida nas vacinas causaria problemas de saúde por toxicidade.

Sem qualquer respaldo científico, essa desinformação diz que as proteínas se espalham pelo corpo através da corrente sanguínea e, assim, provocariam doenças cardíacas, danos cerebrais, coágulos sanguíneos e infertilidade por acumular em ovários e testículos, esse último, relacionado à fertilidade, um ponto recorrente nas narrativas antivacinas e sendo readaptado para a Covid-19. Esse mesmo conteúdo foi verificado pela Agência Lupa em 21 de junho de 2021 e recebeu a etiqueta *falso*<sup>31</sup>. A notícia falsa foi compartilhada via WhatsApp

---

<sup>30</sup>Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-fato-fake>. Acesso em: 30 de novembro de 2021.

<sup>31</sup>Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2021/06/21/verificamos-vacina-toxina-infertilidade/>. Acesso em: 30 de novembro de 2021.

e trata-se de um texto do Tribuna Nacional<sup>32</sup>.

## 4.2 Realidade pandêmica, *fake news* e teoria da conspiração.

A respeito da realidade pandêmica posta em cheque por teorias conspiratórias, as acusações das supostas supernotificações de casos e de mortes com a secreta intenção de inflar os números foram usadas como argumentos para a construção da narrativa de negação da real existência da pandemia. De tal maneira, todas as medidas para prevenir a disseminação do vírus, como as máscaras e isolamento social, seriam sem utilidade e apenas recomendadas por haver interesses ocultos por trás das mesmas e da pandemia em si, ou da intenção que as pessoas acreditassem na crise sanitária global.

Ao não ser um problema real, não haveria motivo para as medidas indicadas pela ciência para evitar o contágio e propagação do vírus e que fazem parte das políticas públicas serem realizadas, como o uso de máscaras, o isolamento social, *lockdowns* e vacinas. Para além, haveria algum interesse de grupos poderosos em instigar o medo e o pânico da população em relação ao vírus para que, assim, as pessoas seguissem as recomendações de prevenção e fossem controladas.

### 4.2.1 A supernotificação de casos: hospitais “verdadeiramente” vazios

O caso *#FilmYourHospital* (filme seu hospital, em tradução livre) demonstrou, ainda no começo da pandemia, a força de teorias da conspiração sobre a Covid-19 nas redes sociais. A *hashtag* surgiu no Twitter no final de março de 2020 e, quase como um dos desafios virais da internet, encorajava as pessoas a visitarem e registrarem imagens de hospitais vazios para “provarem” que a pandemia seria uma farsa. Em 03 de abril do mesmo ano, o desafio que incentivava a filmagem de hospitais tornou-se internacional e chegou ao Brasil por meio de usuários conservadores e pró-Bolsonaro (MAI; GRUZD, 2020).

A *hashtag* faz parte de uma teoria da conspiração com viés político de extrema-direita que alega que a pandemia não é tão grave quanto a mídia afirma ser e divulga. A Covid-19, se real, seria uma infecção pouco preocupante e os hospitais cheios não passariam de uma cena forjada. Dessa maneira, ao irem pessoalmente em hospitais, as pessoas teriam a possibilidade de ver a “realidade” e ao filmarem poderiam atingir ainda mais pessoas com essa “verdade”

---

<sup>32</sup>Disponível

em:

<https://web.archive.org/web/20210621193433/https://tribunanacional.com.br/noticia/1796/urgente-pesquisador-d-e-vacinas-admite-grande-erro--diz-que-proteina-de-pico-e-toxina-perigosa>. Acesso em: 30 de novembro de 2021.

ocultada pelos veículos midiáticos tradicionais (MAI; GRUZD, 2020).

Desde então, são recorrentes desinformações compartilhadas nas mídias sociais que alimentam a narrativa que conta a história de que os hospitais estão vazios e que as imagens que mostrariam o contrário seriam encenações daqueles que têm interesses na pandemia.

Um ano após, em março de 2021, com um novo agravamento da pandemia, boatos que têm como protagonista os hospitais vazios voltaram a circular. O modo que o discurso se articula é o mesmo visto desde o começo: com smartphones nas mãos, filmam hospitais que estariam vazios, para assim, usarem como provas oculares para suportar a afirmação de que a superlotação hospitalar, consequente dos muitos casos de Covid-19, é uma farsa.

Um vídeo que mostra um homem caminhando por diferentes áreas em um hospital de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, como prova de que na realidade os hospitais estão vazios. Mais imagens que provariam o mesmo ponto: funcionários de um hospital em João Pessoa, na Paraíba, comemoram que supostamente a unidade de saúde estaria vazia. Esses dois vídeos estão entre os boatos que se espalharam nas redes sociais com essa narrativa na piora da pandemia nos primeiros meses de 2021.

O que de fato aconteceu, por trás da realidade paralela que os registros buscam sustentar, é bem diferente. As duas filmagens foram verificadas por equipes de checagem que trouxeram o que permeia cada um dos vídeos e, desse modo, contextualizaram-os. É comum que imagens e vídeos utilizados nas *fake news* que circulam nas mídias sociais sejam retiradas de seu contexto original para, assim, serem inseridas na narrativa da maneira que for mais conveniente.

Na filmagem realizada na capital gaúcha, o narrador alega que a superlotação por conta da Covid-19 no Hospital Moinhos de Vento, que faz parte da rede particular de Porto Alegre, é uma farsa. Após a circulação do vídeo, o hospital se manifestou esclarecendo que não há pessoas andando pelas áreas filmadas por não permitir a visitação de pacientes com covid-19, passando assim uma falsa ideia de normalidade. Além disso, a tenda de atendimento que o homem filma foi inativada pela instituição de saúde que optou por direcionar esse atendimento para a Emergência da unidade<sup>33</sup>.

O segundo vídeo, no qual profissionais da saúde comemoram e cantam em uma ala hospitalar com leitos vazios e ausência de pacientes, é apenas um fragmento do que realmente acontecia naquele hospital em João Pessoa. A filmagem, gravada em uma área da Unidade de

---

<sup>33</sup>Disponível

em:

[https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2021/03/03/verificamos-hospital-moinhos-superlotacao/?fbclid=IwAR2wHZFCpClv3574bOwUCEOR-\\_oqUb3Z4zI8cCk-RfgHOIkXUC1iMsQG-sA](https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2021/03/03/verificamos-hospital-moinhos-superlotacao/?fbclid=IwAR2wHZFCpClv3574bOwUCEOR-_oqUb3Z4zI8cCk-RfgHOIkXUC1iMsQG-sA). Acesso em: 2 de dezembro de 2021.



Terapia Intensiva (UTI) do Hospital Alberto Urquiza Wanderley no plantão entre os dias 30 e 31 de março de 2021, foi esclarecida por meio de uma nota da proprietária do hospital. O real contexto da comemoração refere-se a uma redução do número de atendimentos após o crescimento de casos de Covid-19. Embora aquela ala estivesse vazia naquele momento, no dia 30 de março o hospital tinha 148 internados, com 77 pacientes na UTI, e no dia 31 eram 151 internados, dos quais 75 estavam na UTI. A nota afirmou que o vídeo sendo utilizado em qualquer contexto diferente deste, distorça os fatos, é um uso tendencioso e não verdadeiro<sup>34</sup>.

Vale adentrar um pouco mais nessas filmagens que distorcem o real e que foram compartilhadas com o intuito de levar o público ao erro. Enquanto um segue uma linha mais próxima ao *#FilmYourHospital* em que instiga as pessoas a verem pessoalmente a situação hospitalar e fazer registros próprios, o segundo provaria a farsa da superlotação dos hospitais por meio de um vídeo realizado pelos profissionais da saúde, quase como um “argumento de autoridade” com as provas imagéticas supostamente irrefutáveis. Apesar de terem origens em diferentes regiões do Brasil e terem abordagens distintas, ambos alimentam a mesma narrativa, uma conspiração em que a superlotação de hospitais decorrente da Covid-19 é uma farsa, em suma, uma negação da realidade pandêmica.

#### 4.2.2 A supernotificação de mortes e a omissão do número de sobreviventes

Um outro caso que ilustra esta posição de negação da realidade da pandemia, propagada por diversos conteúdos desinformativos, foi uma fala de Jair Bolsonaro, em 7 de junho de 2021. Proferida em entrevista realizada na manhã desse dia, o presidente apresentou uma falsa alegação de supernotificação de mortes por covid-19 em 2020, na qual atribuía a fonte da informação a um relatório publicado pelo Tribunal de Contas da União (TCU)<sup>35</sup>. Logo após a fala de Bolsonaro, foi divulgado nas mídias sociais o suposto relatório produzido

---

<sup>34</sup>Disponível

em:

<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2021/04/28/e-fake-que-video-mostre-hospital-vazio-na-pb-e-revele-farsa-da-covid-19.ghtml>. Acesso em: 2 de dezembro de 2021.

<sup>35</sup> “Em primeira mão aqui para vocês: não é meu, é do tal do Tribunal de Contas da União, questionando o número de óbitos o ano passado por covid. E ali, o relatório final não é conclusivo, mas em torno de 50% dos óbitos por covid no ano passado não foram por covid, segundo o Tribunal de Contas da União. Esse relatório saiu há alguns dias, logicamente que a imprensa não vai divulgar, nós vamos divulgar hoje aqui. Já passei *pro...* eu tenho três jornalistas, não vou falar o nome deles que eu converso, só três que eu converso, que são pessoas sérias, né, e já passei para eles e devo divulgar hoje à tarde. E, como é do Tribunal de Contas da União, ninguém queira me criticar por causa disso. Isso aí muita gente suspeitava, muitos vídeos vocês viram no WhatsApp etc., de pessoas reclamando que o ente querido não faleceu daquilo. Muito bem fundamentado, *tá* bem claro, né. Só jornalista não vai entender, o resto todo mundo vai entender.” Disponível em: <https://tvuol.uol.com.br/video/tcu-deve-desmentir-bolsonaro-sobre-mortes-por-covid19-04024C9A3564CCC96326>. Acesso em: 22 de outubro de 2021.

pelo TCU mencionado na entrevista.

Ainda no mesmo dia, o TCU publicou, por meio de seu portal eletrônico, uma nota de esclarecimento em resposta à fala de Bolsonaro e, com essa divulgação, Bolsonaro contrariou suas afirmações anteriores. Confrontado pelo esclarecimento publicado, o Presidente disse que a tabela foi feita por ele, não pelo TCU, como dito anteriormente. No entanto, ainda é presente em seu discurso uma conclusão que não foi constatada pelo TCU, induzindo à crença de uma supernotificação de casos da covid-19 no Brasil<sup>36</sup>.

Em relação a esta falsa alegação do Presidente da República, a CPI da covid-19, inclusive, posicionou-se a respeito.

Nessa linha, aliás, foi a observação feita pelo Senador Randolfe Rodrigues, quando, no depoimento do auditor a esta CPI, asseverou: (...) o Senhor Presidente da República incorreu no crime contra a fé pública, constante no art. 297 do Código Penal, que diz: 'Falsificar, no todo ou em parte, documento público, ou alterar documento público verdadeiro'. Assim, constata-se que, além de o Presidente da República propagar de forma errônea que a informação constava em relatório do TCU, houve alteração no documento que circulou pelas redes sociais, no qual foi inserida a inscrição 'Tribunal de Contas da União', induzindo a população a acreditar que seria um documento oficial do TCU, bem como com uma conclusão proferida por aquela Corte de Contas. (SENADO FEDERAL, 2021, p. 200)

Entre as desinformações que buscavam questionar a realidade da pandemia, realçam-se os conteúdos falsos sobre o número de óbitos decorrentes da covid-19, entre os quais há distorções sobre o número e a causa das mortes. O discurso predominante nestas *fake news* promovia a ideia de que médicos eram coagidos a registrar a covid-19 como causa da maioria dos óbitos que acontecessem, ainda que sua causa real não tivesse relação com o vírus.

Em 8 de agosto de 2020, a Secretaria Especial de Comunicação Social (SECOM), na época sob gestão de Fábio Wajngarten, publicou um texto que minimizou a marca de cem mil mortes pelo novo coronavírus no Brasil. O texto alegava que afirmar que o país estava entre os países que vivenciavam uma situação pior na pandemia seria desprezar a ciência e a realidade (SENADO FEDERAL, 2021).

Embora os dados sugiram que na realidade há uma subnotificação de mortes decorrentes de complicações pela Covid-19, a narrativa cultivada por conteúdos desinformativos é completamente alheia a isso e, para além, alegam o oposto que os fatos indicam ao sugerir que os números de óbitos seriam inflados.

No Brasil, considerando os seis primeiros meses da pandemia em oito metrópoles, o percentual de óbitos por causas respiratórias, que não Covid-19, é elevado e heterogêneo. De

---

<sup>36</sup> “Disponível em: <https://youtu.be/Obv3S7ZxUqw>. Acesso em: 22 de outubro de 2021.

tal modo, esse percentual excedente indica uma alta subnotificação de mortes pelo novo Coronavírus no país. Um dos principais motivos que justificam a subnotificação nas estatísticas deve-se à baixa testagem para a doença, principalmente nas regiões onde a pandemia atingiu mais pessoas, como as áreas metropolitanas. Sendo assim, o significativo excedente de óbitos por problemas respiratórios, de certo modo, não foge ao esperado (ORELLANA; MARRERO; HORT, 2021).

Em relação às desinformações com uma narrativa que nega o grande número de mortes na Pandemia, houve tentativas de contrariar as imagens transmitidas pelas mídias tradicionais que mostravam o intenso volume de enterros em cemitérios. Por exemplo, um vídeo compartilhado pelo WhatsApp em que uma pessoa vestindo roupa de proteção cava um buraco em um cemitério e é filmada por uma equipe de cinegrafistas profissionais, todos usam máscaras. A legenda da gravação alega que ela seria a prova da invenção de enterros na pandemia<sup>37</sup>. Nota-se que tal linha de *fake news* visava provar isto também por meio de imagens.

Cabe, ainda, ressaltar o chamado “Placar da Vida”, uma iniciativa do Ministério da Saúde com a SECOM criada em 27 de abril de 2020 para mostrar o número de infectados que se recuperaram da Covid-19. Nestes conteúdos do Ministério, publicados nas redes sociais, os números de mortos são omitidos, mesmo quando o Brasil passava por recordes, alimentando, assim, discursos negacionistas sobre a Pandemia. Ainda em janeiro de 2022 é possível ver no portal “Coronavírus Brasil”, dentro site do Ministério da Saúde, o destaque para o número de casos recuperados, sendo o primeiro dado a aparecer no topo da página e recebendo destaque de cor<sup>38</sup>.

### **4.3 Covid-19 e os tratamentos miraculosos escondidos**

O tratamento precoce, frequentemente defendido por Bolsonaro e seu governo, faz parte da narrativa desinformativa sob o entendimento de que medicamentos como a Hidroxicloroquina, Ivermectina e a Azitromicina, utilizados no tratamento de protozoários, vermes e bactérias, seriam eficientes para o tratamento de infecções pelo vírus SARS-CoV-2. Os medicamentos para esse “tratamento” fazem parte do chamado “kit covid”, apoiado por pessoas ligadas ao governo. Essa solução farmacológica simples seria escondida e haveria

---

<sup>37</sup>O vídeo foi checado pela Agência Lupa em 01 de abril de 2021. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2021/04/01/verificamos-cemiterio-prova-midia/>. Acesso em: 10 de dezembro de 2021.

<sup>38</sup> Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 05 de janeiro de 2022.

interesses ocultos em mantê-la publicamente como ineficaz no enfrentamento à Covid-19.

No relatório da CPI, a defesa do chamado “tratamento precoce” aparece como uma das mais relevantes contribuições para o alto número de óbitos no país. A insistência pela utilização de tais fármacos, primeiramente sem eficácia comprovada e em seguida com a ineficácia comprovada para casos de Covid-19, é um dos tópicos recorrentes nas redes sociais no decorrer da pandemia.

A fim de ilustrar essa linha de discurso desinformativo nas redes sociais, o documento utiliza como base uma reportagem do Congresso em Foco, a qual traz dados sobre o alcance das *fake news* propagadas por parlamentares brasileiros. A matéria apontou que o tema mais recorrente de desinformação propagada por parlamentares foi o uso de medicamentos sem eficácia contra o vírus, como a hidroxicloroquina, medicamento difundido como peça-chave do suposto tratamento precoce para covid-19.

[...] verificamos campanhas coordenadas para incentivar o chamado “tratamento precoce”, baseadas em estudos falhos sobre a eficácia dos medicamentos usados para tratar a covid-19. A despeito disso, o Ministério da Saúde, sob a gestão do Ministro Eduardo Pazuello, em publicação nas redes sociais em 18 de novembro de 2020, removeu um tweet que informava que “a nossa maior ação contra o vírus é o isolamento social e a adesão das medidas de proteção individual” e o substituiu por outro que dizia que **“diante do aumento do número de casos de covid-19 (...), recomendamos o tratamento precoce”**. Na mesma data, escreveu que “as pessoas que estão fora do grupo de risco e as crianças devem continuar suas atividades normais”. Naquela data, morriam, em média, mais de 400 brasileiros por dia, por causa da covid-19. (SENADO FEDERAL, 2021, p. 679, grifo nosso)

Em meio a tais *fake news*, foram utilizados estudos que supostamente comprovariam a eficácia destes medicamentos constantemente defendidos nas desinformações, ou seja, uma tentativa de utilizá-los como o embasamento da narrativa, como argumento de autoridade.

Em 24 junho de 2021, o Estadão Verifica checkou uma fala em que Jair Bolsonaro afirmou que a Universidade de Oxford encontrou fortes indícios de que a ivermectina pode ser utilizada como prevenção da covid-19 ou nos cuidados iniciais (o tratamento precoce) dos pacientes com a doença. No entanto, a alegação de Bolsonaro é falsa e o que a universidade afirma é que os estudos existentes realizados em seres humanos concluem que a contribuição do fármaco para acelerar a recuperação em casos do novo Coronavírus é pouco significativa<sup>39</sup>.

Outro exemplo, também referente à ivermectina e verificado pelo Estadão Verifica, foi uma publicação enganosa do site Terça Livre. O conteúdo desinformativo publicado pelo site alegou que um estudo realizado na França indicou a eficácia do medicamento contra a

---

<sup>39</sup>Disponível em:

<https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/bolsonaro-exagera-peso-de-evidencias-citadas-por-oxford-para-estudar-ivermectina/>. Acesso em: 10 de janeiro de 2022.

covid-19. Contudo, a publicação não explicitou que o estudo mencionado, realizado pelo Instituto Pasteur da França e publicado na revista EMBO Molecular Medicine no dia 12 de julho de 2021, foi realizado em hamsters, o que não embasa a conclusão da eficácia em humanos<sup>40</sup>.

---

<sup>40</sup>Disponível em:

<https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/estudo-frances-em-hamsters-nao-prova-eficacia-da-ivermectina-contra-a-covid-19-em-humanos/>. Acesso em: 10 de janeiro de 2022.

## 5 CONCLUSÃO

Não apenas a ideia de que há fatos alternativos, mas os sentimentos e subjetividades de cada um sobrepõem-se aos fatos. Assim, pós-verdade é explicada. Um contexto em que não dar importância a fatos tem sido um posicionamento comum ao redor do globo é um ambiente propício para a proliferação de desinformação e teorias da conspiração. Além disso, na era da pós-verdade os indivíduos têm a tendência de não mudar de opinião, ainda que em contato com situações ou informações que contrariem suas convicções.

De tal modo, instituições que prezam pela verdade, como universidades, escolas e a mídia, são alvos de ataque, nos quais seus trabalhos, embasados no rigor aos fatos, são desqualificados e vistos como fontes não confiáveis. Apenas aquilo que está de acordo com sua opinião é considerado como verdade. Assim, cada um supostamente teria a “sua verdade”, teria o direito de defender “fatos alternativos” que têm sentido dentro de suas crenças e são alinhados com as mesmas.

Neste cenário, os veículos de comunicação são acusados por aqueles que já não se importam com fatos como responsáveis pelas verdadeiras *fake news*. Afinal, para eles, basta que suas crenças sejam confrontadas de algum modo para que essa informação ou situação que causou isso seja vista com maus olhos e seja rejeitada.

Sendo assim, a criação da pós-verdade enquanto uma nova realidade apresenta o uso seletivo de fatos que amparam a opinião individual e, também, a recusa de fatos que não sustentam o posicionamento do indivíduo. Isto é, fatos que são alinhados com as crenças são adotados como parte integrante da narrativa que contam para si mesmos como “verdade”.

Vale recorrer ao significado de *fake news* que pressupõe necessariamente a intenção por trás de sua criação. Elas são criadas visando objetivos financeiros ou de poder e, assim, buscam que as pessoas reajam e interajam com as informações falsas. Embora as *fake news* não sejam um fenômeno recente, com todas as possibilidades que a internet e as mídias sociais oferecem para a interação e compartilhamento e, também, com a deterioração da imagem da mídia tradicional, a pós-verdade encontrou um contexto ideal para a disseminação de conteúdos desinformativos.

Cabe evocar três ideias relevantes em tal conjuntura. Primeiro, nas redes é possível interagir com pessoas de círculos próximos e em uma circunstância que acreditam não ser mais possível confiar em fontes de informação tradicionais, os indivíduos passaram a informar-se por meio dos compartilhamentos e mensagens, como no WhatsApp, de familiares e amigos. Desta maneira, a credibilidade tornou-se sinônimo de confiança e proximidade

pessoal.

Em segundo, vale ressaltar, o chamado filtro bolha nas mídias sociais, o qual faz com que cada usuário tenha contato, majoritariamente, com postagens consonantes com suas visões de mundo. A formação de bolhas ocorre devido a ação dos algoritmos que prezam por direcionar aos indivíduos conteúdos que estejam de acordo com seu comportamento nos meios digitais. Assim, por mais que suas opiniões fujam da realidade e soem como polêmicas em outros círculos, as bolhas promovem um espaço amigável para o usuário expressar suas crenças e opiniões e, também, possibilita que o indivíduo, por meio de um viés de confirmação, fortifique suas concepções.

Por último, há, ainda, o obstáculo enfrentado pelo público médio em saber diferenciar fato e ficção, verdadeiro e falso. Desse modo, os indivíduos analisam as informações que chegam até eles com base em suas ideias, pontos de vista e certezas que já carregam consigo.

Sob a era da pós-verdade e em um contexto de novas mídias e desinformação, teorias da conspiração vieram a ser um fenômeno cultural. Agora, soma-se ao cenário uma pandemia, na qual parte dos conteúdos desinformativos propagados são inteiramente ou são partes integrantes de alguma narrativa de conspiração. Vale retomar, à forte depreciação sofrida pela ciência e pela mídia, uma vez que favorece à crença em conteúdos negacionistas, alheios aos fatos e conspiratórios, tais como supostos tratamentos secretos e eficientes, ideias antivacinação e narrativas que acusam a China de ter criado propositalmente o vírus e espalhado a Covid-19.

Um dos aspectos que permeiam as teorias da conspiração é que não se restringem a um grupo limitado e distante de pessoas. Além da *web* permitir que esses discursos sejam melhor disseminados, em momentos como a crise pandêmica, os indivíduos tendem a ter suas visões de mundo afetadas e cidadãos médios tornam-se mais suscetíveis a acreditar em narrativas conspiratórias. Em um primeiro momento, essas teorias parecem convincentes, pois são apresentadas com dados, fatos históricos e científicos válidos que fornecem um suporte para a credibilidade da história, o que demonstra seu caráter seletivo sobre a rejeição da ciência. No entanto, a partir dessas informações corretas, as teorias levam a conclusões distantes da realidade. Uma teoria da conspiração é uma trama organizada por aqueles em posição de poder que trabalham em sigilo para atingir um objetivo, geralmente, obscuro. Assim, são uma nova explicação de eventos.

Cabe, ainda, salientar outras questões relacionadas às teorias. Como a impossibilidade de falseamento, uma vez que a linha argumentativa é articulada de modo a impossibilitar refutação e sugerir que são histórias possíveis e prováveis por contar com a possibilidade das

conspirações serem bem-sucedidas acontecendo em segredo. Também há a dificuldade de diálogo com quem acredita em uma conspiração, pois apresentar evidências e contradições na argumentação não são eficientes. Isso acontece porque as teorias não são limitadas à objetividade, elas contam com apelo emocional e contam histórias do bem contra o mal, criando, assim, um “eles” *versus* “nós” e um dever do lado bom (nós), combater os vilões (eles).

Utilizando essa divisão, de “nós” contra “eles”, em que os “esquerdistas”, “comunistas”, jornalistas, cientistas seriam os vilões das narrativas, as teorias da conspiração têm se manifestado no decorrer da pandemia no Brasil. Esse lado mau da história atuaria contra o governo de Jair Bolsonaro e contra o país. Em uma crise sanitária, essas teorias da conspiração anti-ciência demonstram como desinformação é também questão de saúde coletiva por prejudicarem o combate ao Sars-Cov-2. Essas teorias atacam as políticas públicas utilizadas no enfrentamento ao coronavírus com a defesa da imunidade de rebanho por meio da contaminação com o vírus, com as críticas ao isolamento e distanciamento social, com as críticas ao uso de máscaras e com o discurso antivacina. Elas negam a realidade pandêmica em si, alegando que há uma supernotificação de casos e mortes, além da omissão de estatísticas dos sobreviventes. As conspirações também defendem o uso de medicamentos que supostamente curariam a enfermidade, porém são comprovadamente ineficazes nos casos de Covid-19.

Sempre demonstrando opiniões pró-negacionismo, Bolsonaro e seus aliados mostraram um uso político da desinformação e teorias da conspiração de modo a afetar a saúde coletiva. Como a extrema-direita já é a parcela da população que é mais suscetível a compartilhar *fake news*, não há uma dificuldade em disseminar as desinformações conspiracionistas. Há a propagação de uma ideia que aumenta o risco das intervenções, questiona o *lockdown* maximizando o risco de desemprego e a consequente quebra da economia que apenas pode ser evitada pelo isolamento vertical; e as medidas como máscaras e vacinas são alvo de críticas. Em contrapartida, o vírus e a pandemia são subestimados para reduzir o medo, afinal, em uma guerra alguns precisam morrer, então, precisam ter coragem para lutar.

Em uma situação de emergência, em plena pandemia, o presidente buscou desmontar a ideia de um “nós” global de solidariedade e criou mais um “nós” *versus* “eles” em que “nós” seria quem pode trabalhar e têm o dever de proteger “eles”, os vulneráveis. Tudo isso em prol de protegerem a economia, se exporem ao vírus para adoecerem e atingir a imunidade de rebanho, lutando contra os inimigos da narrativa.



Em suma, ao longo da pandemia de Covid-19 no Brasil, diversos conteúdos falsos ou deturpados foram veiculados, muitos desses, podem ser classificados como teorias da conspiração ou fazem parte de alguma narrativa conspiratória. Todo esse volume de desinformação que circula na pandemia apresenta impactos na saúde pública, podendo ser apontado como uma causa para os elevados números de casos e mortes no país. Além disso, tais narrativas conspiratórias, propagadas nas *fake news*, foram endossadas pelo presidente Jair Bolsonaro e seus apoiadores, revelando, assim, um interesse político por trás desses conteúdos.

A partir dos fatos mencionados no relatório final da CPI da Pandemia, dos conteúdos falsos submetidos à checagem de fatos dos veículos jornalísticos e outros exemplos apresentados no trabalho, foi possível tornar tangível como essas *fake news* que abordam a Covid-19 e têm caráter conspiratório trazem impacto para a saúde pública.

Para produções futuras, seria interessante a realização de um estudo focado na relevância de informações verídicas e de qualidade para a preservação da saúde de comunidades. Outra sugestão, é uma análise qualitativa a partir de questionários para averiguar a crença de teorias da conspiração na área da saúde em determinado grupo amostral de interesse. Por fim, um terceiro trabalho com objetivo de avaliar o papel do jornalismo na divulgação científica e no combate ao negacionismo científico, uma vez que é necessário que informações corretas cheguem ao grande público com uma linguagem clara e acessível.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Livros e artigos acadêmicos

CANAVILHAS, João. Cinco Ws e um H para o jornalismo na web. **Prisma.com**, Porto, n. 7, p. 153-172, 2008. Disponível em: <http://aleph.letras.up.pt/index.php/prisma.com/article/view/2076>. Acesso em: 10 out. 2021.

DOUGLAS, Karen M. *et al.* Understanding Conspiracy Theories. **Political Psychology**, [S.l.], v. 40, supl. 1, 2019.

GRUZD, Anatoliy; MAI, Philip. Going Viral: How a Single Tweet Spawned a COVID-19 Conspiracy Theory on Twitter. **Big Data & Society**, Londres; Kentucky, jul. - dez. 2020.

GUESS, Andrew; NAGLER, Jonathan; TRUCKER, Joshua. Less than you think: Prevalence and predictors of fake news dissemination on Facebook. **Science Advances** 5, Washington, 2019. Disponível em: <https://www.science.org/doi/10.1126/sciadv.aau4586>. Acesso em: 24 set. 2021.

HELLINGER, Daniel C. **Conspiracies and Conspiracy Theories in the Age of Trump**. Cham: Springer Nature; Londres: Palgrave Macmillan, 2018.

KEELEY, Brian L. Of Conspiracy Theories. **Journal of Philosophy**, Nova Iorque, v. 96, n. 3, p. 109-126, mar. 1999.

LEE, McIntyre. **Post-truth**. Cambridge, EUA: The MIT Press, 2018.

MELLO, Patrícia C. **A Máquina do Ódio**. São Paulo: Editora Schwarcz S.A., 2020.

MIROWSKI, Philip. Hell Is Truth Seen Too Late. **Boundary** 2, Durham, v. 46, n. 1, p. 1–53, 01 fev. 2019.

NOELLE-NEUMANN, Elisabeth. **A Espiral do Silêncio**: Opinião Pública - nosso tecido social. Florianópolis: Estudos Nacionais, 2017.

ORELLANA, Jesem Douglas Yamall; MARRERO, Lihsieh; HORTA, Bernardo Lessa. Excesso de mortes por causas respiratórias em oito metrópoles brasileiras durante os seis primeiros meses da pandemia de COVID-19. Rio de Janeiro, **Cadernos de Saúde Pública**, v. 37, n. 5, maio 2021. Disponível em: <http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/1386/excesso-de-mortes-por-causas-respiratorias-e-m-oito-metropoles-brasileiras-durante-os-seis-primeiros-meses-da-pandemia-de-covid-19>. Acesso em: 22 out. 2021.

PERSILY, Nathaniel (ed.); TUCKER, Joshua A. (ed.). **Social Media and Democracy**: The State of Field and Prospects for Reform. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

RECUERO, R.; SOARES, F. O Discurso Desinformativo sobre a Cura do COVID-19 no Twitter: Estudo de caso. E-Compós, [S. l.], v. 24, 2021.

ROSENFELD, Sophia. **Democracy and Truth**: A short history. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2019.

SOARES, Felipe *et al.* Research note: Bolsonaro's firehose: How Covid-19 disinformation on WhatsApp was used to fight a government political crisis in Brazil. **The Harvard Kennedy School Misinformation Review**, [S. l.] v. 2, n. 1, 2021. Disponível em: [https://dash.harvard.edu/bitstream/handle/1/37367207/soares\\_whatsapp\\_brazil\\_20210129.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://dash.harvard.edu/bitstream/handle/1/37367207/soares_whatsapp_brazil_20210129.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 2 maio 2021.

USCINSKI, Joseph E. (ed.). **Conspiracy Theories and the People Who Believe Them**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2019.

WOOD, Michael J.; DOUGLAS, Karen M.; SUTTON, Robbie M. Dead and Alive: Beliefs in Contradictory Conspiracy Theories. **Social Psychological and Personality Science**, [S. l.], v. 3, p. 767-773, jan. 2012.

VENTURA *et al.* A linha do tempo da estratégia federal de disseminação da Covid-19. **CEPEDISA, USP**, São Paulo, 2021.

### Documentos e pesquisas

DATAFOLHA. Cresce intenção de se vacinar contra Covid-19. **Datafolha**, São Paulo, 21 mar. 2021. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2021/03/1989234-cresce-intencao-de-se-vacinar-contra-covid-19.shtml>. Acesso em: 11 nov. 2021.

DATAFOLHA. Disposição para se vacinar contra Covid-19 cai de 89% para 73%. **Datafolha**, São Paulo, 14 dez. 2020. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2020/12/1989184-disposicao-para-se-vacinar-contra-covid-19-cai-de-89-para-73-entre-brasileiros.shtml>. Acesso em: 11 nov. 2021.

FACEBOOK. Widely Viewed Content Report: What People See on Facebook. **Meta**, [S.l.], 2021. Disponível em: <https://transparency.fb.com/pt-br/data/widely-viewed-content-report/>. Acesso em: 25 set. 2021.

SENADO FEDERAL. **Relatório Final CPI da Pandemia**. Brasília, 26 out. 2021. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/comissoes/mnas?codcol=2441&tp=4>. Acesso em: 14 nov. 2021.

### Textos no meio eletrônico

ARREGUY, Juliana. Covid: vídeo postado por bolsonaristas desinforma sobre imunidade natural. **UOL**, São Paulo, 07 out. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2021/10/07/confere-imunidade-natural-vacina-video-senador-eua-covid.htm>. Acesso em: 16 nov. 2021.

BARROSO, Cristina. URGENTE: Pesquisador de vacinas admite "grande erro", diz que

proteína de pico é "toxina" perigosa. **Jornal Tribuna Nacional**, [S. l.], 19 jun. 2021. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20210621193433/https://tribunanacional.com.br/noticia/1796/urgente-pesquisador-de-vacinas-admite-grande-erro--diz-que-proteina-de-pico-e-toxina-perigosa>. Acesso em: 30 nov. 2021.

DOMINGOS, Roney. É #FAKE que vídeo mostre hospital vazio na PB e revele farsa da Covid-19. **G1**, [S. l.], 28 abr. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2021/04/28/e-fake-que-video-mostre-hospital-vazio-na-pb-e-revele-farsa-da-covid-19.ghtml>. Acesso em: 2 dez. 2021.

ESTADÃO. Manual de Redação. **Estadão**, [S. l.], 2021. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/manualredacao/gerais>. Acesso em: 10 out. 2021.

FORATO, Fidel; ZARAMELA, Luciana (ed.). Medir a temperatura no pulso é eficaz para prevenir casos da COVID-19? **Canaltech**, [S. l.], 28 maio 2021. Disponível em: <https://canaltech.com.br/saude/medir-a-temperatura-no-pulso-e-eficaz-para-prevenir-casos-da-covid-19-185994/>. Acesso em: 22 out. 2021.

INSTITUTO BUTANTAN. Butantan tira dúvida. **Instituto Butantan**, [S. l.], 2021. Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-fato-fake>. Acesso em: 30 nov. 2021.

LEMOS, Vinícius. 'Placar da vida' do governo estimula negacionismo por omitir realidade trágica da covid-19, dizem cientistas. **BBC News Brasil**, São Paulo, 26 maio 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-52765075>. Acesso em: 10 dez. 2021.

MACÁRIO, Carol. #Verificamos: Máscaras não 'privam' o cérebro de oxigênio e nem causam doenças neurodegenerativas. **Lupa**, Rio de Janeiro, 17 jun. 2021. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2021/06/17/verificamos-mascaras-cerebro-oxigenio-doencas-neurodegenerativas/>. Acesso em: 19 nov. 2021.

MATOSO, Filipe; GOMES, Pedro Henrique. Bolsonaro diz que contaminação é mais eficaz que vacina contra Covid; especialistas contestam. **G1**, Brasília, 17 jun. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/06/17/bolsonaro-diz-que-contaminacao-e-mais-eficaz-que-vacina-estrategia-pode-levar-a-morte-diz-sanitarista.ghtml>. Acesso em: 16 nov. 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Coronavírus Brasil**, [S. l.], 2022. Painel Coronavírus. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 05 jan. 2022.

NOMURA, Bruno. #Verificamos: É falso que vacinas contra Covid-19 injetam 'toxina' e causam infertilidade. **Lupa**, Rio de Janeiro, 21 jun. 2021. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2021/06/21/verificamos-vacina-toxina-infertilidade/>. Acesso em: 30 de novembro de 2021.

PACHECO, Priscila. Vídeo não mostra vermes dentro de máscaras cirúrgicas vindas da China. **Aos Fatos**, [S. l.], 25 jul. 2021. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/video-nao-mostra-vermes-dentro-de-mascaras-cirurgicas-vindas-da-china/>. Acesso em: 19 nov. 2021.

PENNAFORT, Roberta. É #FAKE que estudo realizado em Harvard indica que isolamento social não é bom para conter o avanço do novo coronavírus. **G1**, [S. l.], 16 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2020/04/16/e-fake-que-estudo-realizado-em-harvard-indica-que-isolamento-social-nao-e-bom-para-conter-o-avanco-do-novo-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 16 nov. 2021.

PENNAFORT, Roberta. É #FAKE que neurocientista britânico concluiu que maioria da população é imune ao coronavírus e que distanciamento social é inútil. **G1**, [S. l.], 19 ago. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2020/08/19/e-fake-que-neurocientista-britanico-concluiu-que-maioria-da-populacao-e-imune-ao-coronavirus-e-que-distanciamento-social-e-inutil.ghtml>. Acesso em: 16 nov. 2021.

PENNAFORT, Roberta. É #FAKE que isolamento social faça contaminados respirarem o próprio vírus, aumentando, assim, a carga viral. **G1**, [S. l.], 16 jul. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2020/07/16/e-fake-que-isolamento-social-faca-contaminados-respirarem-o-proprio-virus-e-assim-aumentam-carga-viral.ghtml>. Acesso em: 16 nov. 2021.

PENNAFORT, Roberta. É #FAKE que termômetro infravermelho cause dano à glândula pineal. **G1**, [S. l.], 17 ago. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2020/08/17/e-fake-que-termometro-infravermelho-cause-dano-a-glandula-pineal.ghtml>. Acesso em: 22 out. 2021.

PRATA, Pedro. Bolsonaro exagera peso de evidências citadas por Oxford para estudar Ivermectina. **Estadão**, [S. l.], 24 jun. 2021. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/bolsonaro-exagera-peso-de-evidencias-citadas-por-oxford-para-estudar-ivermectina/>. Acesso em: 10 jan. 2022.

PREFEITURA DE MANAUS. Manaus registra quase 2,5 mil sepultamentos em abril. **Prefeitura de Manaus**, [S. l.], 01 maio 2020. Disponível em: <https://www.manaus.am.gov.br/noticia/manaus-registra-quase-25-mil-sepultamentos-em-abril/>. Acesso em: 16 nov. 2021.

PROJETO COMPROVA. Estudo francês em hamsters não prova eficácia da ivermectina contra a covid-19 em humanos. **Estadão**, [S. l.], 21 jul. 2021. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/estudo-frances-em-hamsters-nao-prova-eficacia-da-ivermectina-contra-a-covid-19-em-humanos/>. Acesso em: 10 jan. 2022.

PROJETO COMPROVA. Site engana ao afirmar que Anvisa ‘confessou ineficácia’ de máscaras contra a covid-19. **Estadão**, [S. l.], 30 jul. 2021. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/site-engana-ao-afirmar-que-anvisa-confessou-ineficacia-de-mascaras-contra-a-covid-19/>. Acesso em: 19 nov. 2021.

RÔMANY, Ítalo. #Verificamos: É falso que Hospital Moinhos de Vento, em Porto Alegre, não tenha superlotação em função da Covid-19. **Lupa**, Rio de Janeiro, 03 maio 2021. Disponível em:

[https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2021/03/03/verificamos-hospital-moinhos-superlotacao/?fbclid=IwAR2wHZFCpClv3574bOwUCEOR-\\_oqUb3Z4zI8cCk-RfgHOIkXUC1iMsQG-sA](https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2021/03/03/verificamos-hospital-moinhos-superlotacao/?fbclid=IwAR2wHZFCpClv3574bOwUCEOR-_oqUb3Z4zI8cCk-RfgHOIkXUC1iMsQG-sA). Acesso em: 2 dez. 2021.

TITO, Fábio. Brasil registra mais 1.129 mortes por Covid; média móvel de casos conhecidos completa 30 dias acima de 100 mil. **G1**, [S. l.], 17 fev. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2022/02/17/brasil-registra-mais-1129-mortes-por-covid-media-movel-de-casos-conhecidos-completa-30-dias-acima-de-100-mil.ghtml>. Acesso em: 17. fev. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Ten threats to global health in 2019. **World Health Organization**, [S. l.], 2019. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/spotlight/ten-threats-to-global-health-in-2019>. Acesso em: 16 out. 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Infodemic. **World Health Organization**, [S. l.], 2022. Disponível em: [https://www.who.int/health-topics/infodemic#tab=tab\\_1](https://www.who.int/health-topics/infodemic#tab=tab_1). Acesso em: 17 fev. 2022.

ZANINI, Fábio. Vice do Amazonas diz que política de imunidade de rebanho apoiada por Bolsonaro levou Manaus ao colapso. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 05 maio 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painel/2021/05/vice-do-amazonas-diz-que-politica-de-imunidade-de-rebanho-apoiada-por-bolsonaro-levou-manaus-ao-colapso.shtml>. Acesso em: 16 nov. 2021.

## **Materiais audiovisuais**

BOLSONARO diz que errou em fala sobre TCU e acusa governadores de falsificar mortes por dinheiro. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal UOL. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Obv3S7ZxUqw&ab\\_channel=UOL](https://www.youtube.com/watch?v=Obv3S7ZxUqw&ab_channel=UOL). Acesso em: 22 out. 2021.

BRASIL. Pronunciamento do presidente da República, Jair Bolsonaro (24/03/2020). [S. l.: s. n.]. 2020. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal do Planalto. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Vl\\_DYb-XaAE&ab\\_channel=Planalto](https://www.youtube.com/watch?v=Vl_DYb-XaAE&ab_channel=Planalto). Acesso em: 16 nov. 2021.

TCU DEVE desmentir Bolsonaro sobre mortes por Covid-19. [S. l.: s. n.], 07 jun. 2021. 1 vídeo (1 min). Publicado pelo site TV UOL. Disponível em: <https://tvuol.uol.com.br/video/tcu-deve-desmentir-bolsonaro-sobre-mortes-por-covid19-04024C9A3564CCC96326>. Acesso em: 22 out. 2021.

VÍDEO compartilhado por Bolsonaro afirma que Trump determinará a volta das pessoas ao trabalho. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal Poder360. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=jPYkvK\\_ftg&ab\\_channel=Poder360](https://www.youtube.com/watch?v=jPYkvK_ftg&ab_channel=Poder360). Acesso em: 02 fev. 2022.